



Universidade da Beira Interior

Ciências Sociais e Humanas

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e Funcionamento Sexual: o efeito mediador do Perdão-traço

Beatriz Pereira Aparício

Dissertação de Mestrado Submetida como Requisito Parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º Ciclo de Estudos)

Orientador (UBI): Prof. Doutor Henrique Pereira

Covilhã, junho de 2018

Dissertação de Mestrado, realizada sob orientação do Professor Doutor Henrique Pereira, submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde (2º ciclo de estudos)

Dissertação de Mestrado, realizada sob orientação do Professor Doutor Henrique Pereira, submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde (2º ciclo de estudos)

Agradecimentos

Quero expressar a minha maior gratidão aqueles que sempre creram em mim mesmo quando a minha descrença surgia, Mãe, Pai, Irmã, Avó. Isto é para vocês, por todos os desabafos, conselhos, por toda a confiança e fé em mim, na minha capacidade enquanto futura Psicóloga Clínica e da Saúde. Bem-haja por acreditarem no meu empenho e talento e, bem-haja por afastarem todos os medos que surgiram nesta etapa, por me fazerem tantas vezes lembrar dos sucessos e aprender a aprender com os erros. Avô, tu que estás por aí, invisível aos meus olhos, mas ainda assim tão presente, um enorme bem-haja por me fazeres sentir acompanhada quando as noites de trabalho eram tão silenciosas e sós.

Ao Tiago, por todo o amor e companheirismo prestado ao longo deste ano.

Queria também expressar o meu profundo agradecimento às minhas sempre presentes e eternas amigas: Mariana Bidarra; Diana Lourenço; Mariana Borges; Catarina Bastos; Maria Cunha; Márcia Poeta; Patrícia Faria; Daniela de Sousa e Inês Marques. Bem-haja por todo o amparo nos dias difíceis, por todos os sorrisos nos momentos felizes, pelas noites de estudo a meu lado que nos fizeram crescer tanto e tornar nas excelentes estudantes que fomos e somos.

Não poderia deixar de agradecer ao Professor Doutor Henrique Pereira pela orientação sempre tão presente e disponível.

A todos o meu muito obrigada.

Resumo

O presente estudo tem como principal objetivo a realização de um estudo descritivo transversal, comparativo, correlacional e inferencial, com vista a definir e testar hipóteses que relacionem as seguintes variáveis analisadas ao nível individual: Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial; Funcionamento Sexual; Perdão-traço. Isto é, a presente dissertação mira analisar a relação existente entre a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (HSP) e o Funcionamento Sexual (MGH) tendo em conta o fator mediador do Perdão-traço (PT). Para o efeito, foi utilizado o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Alta Sensibilidade - Highly Sensitive Person Scale (Aron, 2001., traduzido para a pop. portuguesa por Pereira et. al, 2017), o Questionário de Funcionamento Sexual (MGH-SFQ - Labbate & Lare, 2001; Pereira, 2017) e o Questionário de Perdão-traço (TFS - Berry, Worthington, O'Connor, Parrott & Wade 2005).

Estes instrumentos de avaliação foram aplicados a uma amostra de 1063 indivíduos (n=1063), 364 do género masculino (H) (34.2%) e 691 do género feminino (F) (65.0%), com idades iguais ou superiores a 18 anos de idade (a média de idade obtida foi de 29 anos de idade (M= 29.27)).

De uma forma geral, os resultados apontam para a existência de uma correlação negativa entre a variável HSP e a variável MGH. De igual forma, a variável HSP correlaciona-se negativamente com a variável PT. Já a variável MGH parece correlacionar-se de forma positiva com a variável PT.

O presente estudo finaliza com uma reflexão sobre as implicações práticas da relação existente entre as variáveis em estudo, apresentando ainda algumas limitações e sugestões para futuras investigações nesta temática.

Palavras-chave:

Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial, Funcionamento Sexual, Perdão-traço, Questionário Sociodemográfico, Escala de Alta Sensibilidade, Inventário da Saúde Mental, Questionário de Funcionamento Sexual.

Abstract

The primary objective of this study is to conduct a cross-sectional, comparative, correlational and inferential study with the aim of defining and testing hypotheses that relate the following variables analysed at the individual level: High Sensitivity of Sensory Processing; Sexual Functioning; Forgiveness-trait. That is, the present dissertation aims at analysing the relationship between High Sensitivity of Sensory Processing (HSP) and Sexual Functioning (MGH), taking into account the mediator factor of the Forced-Trait (PT). For this purpose, the Sociodemographic Questionnaire used, the High Sensitivity Scale - Highly Sensitive Person Scale (Aron, 2001., translated to the portuguese population by Pereira et. al, 2017), Sexual Functioning Questionnaire (MGH-SFQ - Labbate & Lare, 2001; Pereira, 2017) and Trait Forgiveness Scale (TFS - Berry, Worthington, O'Connor, Parrott & Wade 2005).

These evaluation instruments applied to a sample of 1063 individuals (n = 1063), 364 males (H) (34.2%) and 691 females (F) (65.0%), aged 18 years or over (mean age obtained was 29 years of age (M = 29.27)).

In general, the results point to the existence of a negative correlation between the HSP variable and the MGH variable. Likewise, the HSP variable correlates negatively with the variable PT. The MGH variable seems to correlate positively with the PT variable.

The present study ends with a reflection on the practical implications of the relationship between the variables under study, presenting some limitations and suggestions for future research in this área.

Keywords:

Highly Sensitivity of Sensory Processing, Sexual Functioning, Forced-Tracing, Sociodemographic Questionnaire, High Sensitivity Scale, Mental Health Inventory, Sexual Functioning Questionnaire.

Índice

Capítulo I: Enquadramento Teórico	3
1. O Processamento Sensorial	3
1.1 A regulação sensorial	6
2. Alta sensibilidade de Processamento Sensorial	7
2.1 O Ser Altamente Sensível de Processamento Sensorial	7
2.2 A biologia do ser altamente sensível	10
2.3. Implicações psicossociais da pessoa altamente sensível	12
3. Funcionamento sexual	14
3.1 Modelos de Conceptualização Psicológica das Disfunções Sexuais.....	15
3.1.1 O Modelo Tradicional da Resposta Sexual Humana de Masters e Johnson (1966) e de Helen Kaplan (1974)	15
3.1.2 O Modelo Circular de Resposta	16
3.2 Funcionamento sexual e traços de personalidade	17
3.3 O Funcionamento sexual e a cognição	18
3.3.1 Funcionamento sexual e esquemas cognitivos	19
3.3.2 O Funcionamento sexual e as crenças sexuais	20
3.4 O Funcionamento sexual e saúde mental	20
3.5 O Funcionamento sexual e os fatores interpessoais e relacionais	21
4 Perdão	21
4.1 Conceptualizar o perdão	21
4.2 O papel da ruminação no perdão	25
4.2.1 O Modelo de relações de vulnerabilidade-stresse-adaptação (VSA)	25
4.3 Perdão-traço e traços afetivos	26
4.4 O perdão e as relações íntimas	27
4.4.1 A influência da satisfação com a relação no perdão	28
4.4.2 O modelo de relações de vulnerabilidade-stresse-adaptação (VSA) e os relacionamentos íntimos	28
4.5 O perdão e a saúde.....	29
4.5.1 O perdão e o bem-estar psicológico.....	30
Capítulo II: Corpo Empírico	31
5 Apresentação do estudo	31
5.2 Objetivos e tipologia	31
5.2 Método.....	32
5.2.1 Participantes	33
5.3 Instrumentos.....	36
5.3.1 Questionário Sociodemográfico	36
5.3.2 Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial - (HSPS)	36
5.3.3 Questionário de Funcionamento Sexual - (MGH-SFQ)	36

Dissertação de Mestrado, realizada sob orientação do Professor Doutor Henrique Pereira, submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde (2º ciclo de estudos)

5.3.4	Questionário de Perdão-traço - (TFS).....	37
5.4	Procedimentos	38
5.5	Metodologia Estatística	38
6	Resultados	39
7	Discussão	42
8	Conclusão	47
9	Referências Bibliográficas.....	49

Lista de Acrónimos

Statistical Package for the Social Sciences - (SPSS)
Sistema Nervoso Central - (SNC)
Desordens de processamento sensorial - (DPS)
Ressonância magnética funcional (IRMF)
Sensibilidade de Processamento Sensorial - (SPS)
Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial - (HSPS)
Sistema de Neurónios Espelho - (MNS)
Facilidade de Excitação - (EOE)
Classificação Internacional das Doenças - (CID)
Organização Mundial de Saúde - (OMS)
Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais - (DSM)
American Psychiatric Association - (APA)
Vulnerabilidade-stress-adaptação - (VSA)
Questionário de Funcionamento Sexual - (MGH-SFQ)
Questionário de Perdão-traço - (TFS)
Género Masculino - (H)
Género Feminino - (F)
Sensibilidade Estética - (AEA)
Limite Sensorial Baixo - (LST)
Sistema de Ativação Comportamental - (BAS)
Sistema de Inibição Comportamental - (BIS)
Média - (M)
Desvio Padrão - (DP)
Frequência Absoluta - (n)
Frequência Relativa - (%)
Alta sensibilidade de processamento sensorial - (HSP)
Funcionamento Sexual - (MGH)
Perdão-traço - (PT)
Individuos com baixos níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial - (G1)
Individuos com altos níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial - (G2)
Interesse Sexual - (MGH1)
Excitação - (MGH2)
Capacidade para atingir o orgasmo - (MGH3)
Capacidade para atingir e manter uma ereção ou lubrificação - (MGH4)
Satisfação Sexual Geral - (MGH5)

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo o género	33
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a idade	33
Tabela 3 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo o estado civil	33
Tabela 4 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a residência	34
Tabela 5 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo os níveis de escolaridade .	34
Tabela 6 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a situação profissional	35
Tabela 7 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo o nível socioeconómico ...	35
Tabela 8 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a orientação sexual	35
Tabela 9 - Resultados gerais para HSP, MGH e PT	39
Tabela 10 - Correlação entre variáveis	40
Tabela 11 - Estatística descritiva entre a variável HSP e a variável género	40
Tabela 12 - Estatística descritiva entre as variáveis e os grupos de comparação (G1 e G2) ...	41
Tabela 13 - Estatística descritiva entre as cinco variáveis constituintes da variável MGH e os grupos de comparação relativos à variável HSP (G1 e G2)	42

Introdução

O presente estudo insere-se no Projeto de investigação, *Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e Variáveis Psicossociais (UBI-DPE)*, selecionado para investir num processo de pesquisa que se traduz na presente tese do 2º ciclo de estudos em Psicologia Clínica e da Saúde. Este projeto de investigação surge como forma de combater a lacuna existente associada à falta de investigação nesta área. Uma vez que são escassas as evidências empíricas que relacionem a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (HSP), o Funcionamento Sexual (MGH) e, o Perdão-traço (PT), a presente investigação tem como tema nuclear, o estudo da relação existente entre estes três construtos, produzindo um estudo descritivo transversal, comparativo, correlacional e inferencial.

Por outro lado, a própria relação existente entre a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (HSP) e o Funcionamento Sexual (MGH) tendo em conta o fator mediador do Perdão-traço (PT) é um tema particularmente importante, que despertava o nosso interesse e motivação, para responder à questão básica de saber como é que a forma e intensidade com que processamos os estímulos pode estar relacionada com o funcionamento sexual, bem como é que estes podem estar relacionados com a tendência para o perdão interpessoal.

No que à organização da dissertação diz respeito, esta encontra-se dividida por dois corpos principais, nomeadamente o Capítulo I, onde são apresentados os construtos teóricos inerentes às variáveis em estudo, constituindo-se assim como o corpo teórico da investigação e, o Capítulo II, caracterizado como sendo o corpo empírico. Neste último, são apresentadas todas as etapas do processo de investigação que foi desenvolvido, nomeadamente o método, os resultados e a respetiva discussão e conclusão.

Tendo em conta os construtos teóricos apresentados, de um modo geral, a alta sensibilidade de processamento sensorial é uma tendência do indivíduo para apresentar uma alta sensibilidade aos estímulos internos e externos e, para processar esses mesmos estímulos de forma mais intensa e profunda (Aron & Aron, 1997; Aron, Aron & Jagiellowicz, 2012); o Funcionamento Sexual, segundo Masters e Johnson (1966) e, mais tarde, Kaplan (1974), está presente quando não há complexidades no progresso de um estado inicial de desejo sexual consciente, para um estado de excitação, focado na intumescência e lubrificação vaginais, no caso das mulheres e, na ereção, no caso dos homens, seguindo-se a libertação orgástica e a resolução; e, o Perdão-traço parece estar associado a uma tendência para perdoar transgressões ao longo do tempo e em diversas circunstâncias interpessoais. (Berry, Worthington, Parrott, O'Connor e Wade, 2001; Brown, 2003; Emmons, 2000; Mullet, Houdbine, Laumonier, & Girard, 1998)

Ao nível empírico, o estudo assentou na ponderação e análise crítica das respostas de 1063 indivíduos que, voluntária e esclarecidamente, aceitaram participar na investigação. Após a recolha dos dados, foram construídas as respetivas bases de dados, tendo-se procedido

à sumarização das variáveis em estudo, através de estatísticas descritivas, nomeadamente, médias, medianas, desvios padrão, números mínimos e máximos (para as variáveis numéricas) e de frequência absoluta (n) e frequência relativa (%) (para as variáveis nominais). A análise estatística foi efetuada usando o software informático de estatística - Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), na versão 25.0 (IBM, Chicago, IL). Considerando a dimensão amostral, optou-se por métodos inferenciais paramétricos nas comparações entre as variáveis aplicando o teorema do limite central.

No que à análise de correlações diz respeito, utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman. Para os testes estatísticos bilaterais, assumimos o teste t-student com um nível de significância de $p < .05$, ao intervalo de confiança 95%. Os resultados obtidos são expostos detalhadamente no sub-capítulo 6.

Em seguida, procede-se a discussão dos mesmos, comparando os dados obtidos com os da informação recolhida na literatura, evidenciando homogeneidades e divergências específicas em relação a outros autores. A presente investigação finda com um conjunto de considerações finais, salientando que a alta sensibilidade de processamento sensorial parece ter impacto negativo no funcionamento sexual bem como no perdão-traço. Em contrapartida, o perdão-traço parece ter um impacto positivo no funcionamento sexual.

Os resultados aludem à importância de um aumento de investigações nesta área, bem como ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação psicológica e de estratégias de intervenção psicológica, baseada em evidência científica, sobre as diferentes variáveis em estudo, de forma a melhorar a qualidade de vida em geral dos indivíduos.

Capítulo I: Enquadramento Teórico

1. O Processamento Sensorial

A perseveração e evolução dos seres vivos deve-se grandemente ao processamento de informação proveniente de estímulos ameaçadores à vida, assim como aqueles necessários à sua manutenção (Campbell, Gwendolyn & McBride, 1997). Para isso, foi necessário, ao longo dos tempos, desenvolver-se e aperfeiçoar-se um sistema perceptual a fim de detetar esses estímulos, bem como um sistema motor para mover o animal para longe do perigo ou, por seu turno, na direção do alimento (Volchan, Pereira, Oliveira, Vargas, Miranda, Azevedo, Pinheiro & Pessoa, 2003).

A organização de estratégias comportamentais adequadas depende de uma extração eficiente de informações do ambiente (Ohman, Flykt & Esteves, 2001).

Entende-se por estimulação tudo o que desperte o sistema nervoso e promova movimentação de cargas elétricas. Esta pode ser interna (como é exemplo a dor, tensão muscular, fome, sede, sentimentos sexuais, memórias, fantasias, pensamentos ou planos) ou externa ao corpo, que pode variar em intensidade e duração (Aron, 1996).

Desde o nascimento que organizamos o input sensorial em respostas adaptativas (Inamura, 1998). Quando somos expostos à informação sensorial, o comportamento manifesta-se consoante a interpretação que o Sistema Nervoso Central (SNC) faz dessa mesma informação. Para se formar uma representação íntegra da realidade, todos os sentidos trabalham em conjunto (Faure & Richardson, 2004), por conseguinte, as diferenças individuais na capacidade de regulação sensorial são influenciadas ao longo do tempo pela contínua interação entre fatores genéticos, maturação e experiências de interação com o ambiente (Dias, 2015).

De acordo com Kranowitz (1998), os sistemas sensoriais ao transmitirem a informação sensorial tornam-nos capazes de enfrentar funcionalmente e com sucesso os desafios do ambiente.

Relativamente à estimulação visual, esta é uma das fontes sensoriais mais importantes na modulação do comportamento, uma vez que, a visão parece constituir-se como o sistema sensorial que ocupa maior área cortical e que apresenta um maior número de áreas especializadas descritas (Felleman & Van Essen, 1991).

Os estímulos visuais podem efetivamente revestir-se de conteúdo emocional de valência positiva ou negativa. Através de experimentos de neuroimagem, tem-se revelado que o córtex visual está envolvido no processamento de imagens afetivas, uma vez que existe uma ativação cortical mais íntensa quando o sujeito observa imagens emocionais em relação às imagens neutras (Lane, Reiman & Bradley, 1997; Taylor, Liberzon & Koeppe, 2000).

Lang, Bradley e Fitzsimmon (1998) revelaram o seguinte: as figuras agradáveis são percebidas como significativamente mais positivas que todas as outras; as figuras desagradáveis são significativamente percebidas como sendo mais negativas que as demais; as figuras neutras e interessantes não diferiram entre si quanto ao grau de valência; os níveis de alerta são significativamente maiores para figuras desagradáveis e interessantes do que para as positivas e neutras; por sua vez, o nível de alerta das figuras desagradáveis é maior que o das figuras interessantes (Volchan et al., 2003). Quando os sujeitos observam figuras positivas ou neutras é possível verificar-se uma maior atividade para figuras positivas nas regiões de processamento visual occipitotemporal, incluindo o giro occipital inferior e médio e o giro temporal médio. A amígdala esquerda também apresenta uma ativação diferencial (Volchan et al., 2003). Perante figuras interessantes e neutras é possível observar-se ativações nos giros occipital médio e inferior, giro fusiforme e giro temporal médio, bem como ativação da amígdala esquerda. Na presença de figuras desagradáveis e neutras, as ativações dão-se em várias regiões visuais incluindo os giros occipital médio e inferior, temporal médio e fusiforme e uma ativação mais forte na amígdala esquerda (Volchan et al., 2003).

É de salientar que, a informação que chega através dos recetores visuais capacita-nos para a distinção de pessoas, eventos e objetos que nos rodeiem. Permite discriminar tamanhos, formas e cores dos objetos, bem como, vê-los em três dimensões (Kranowitz, 1998).

Por outro lado, desde a infância que precisamos de uma constante estimulação tátil para nos mantermos organizados e funcionais (Dias, 2015).

O sistema tátil está na base de alguma da atividade reflexa que os bebés apresentam, sendo que, mais tarde, contribui para o surgimento do movimento voluntário. As sensações de toque como pressão, vibração, movimento, temperatura e dor são ativadas pelos recetores táteis, localizados na pele desde a cabeça até aos pés. Este sistema é caracterizado por transmitir a informação necessária para a perceção visual, planeamento motor e consciência corporal (Dias, 2015).

O sistema vestibular tem os recetores localizados no ouvido interno, estes recetores transmitem informação sobre o movimento, a gravidade, o equilíbrio e sobre o movimento do pescoço, olhos e corpo. Cabe a este sistema enviar a informação ao SNC para que este a processe e ajude a regular o tónus muscular de forma a mover-nos eficazmente. Para além do referido, transmite a informação de quando se está em movimento ou em repouso e de quando existe ou não movimento dos objetos em relação ao corpo, referindo ainda a informação de e para onde quer ir, bem como de quão rápido se é possível deslocar (Kranowitz, 1998).

O sistema propriocetivo refere-se à informação sensorial que transmite informação sobre os movimentos e a posição do corpo. É nos músculos, articulações, ligamentos e tendões que estão localizados os recetores deste sistema e, os estímulos para estes recetores, são o

movimento e a gravidade. Cabe a este sistema sensorial promover a consciência corporal e contribuir para o controlo e planeamento motor. Também a capacidade de expressão corporal e de movimentar as partes do corpo de forma eficaz está inerente a este sistema que, permite também, a integração de estímulos táteis e vestibulares (Kranowitz, 1998)

No que concerne ao sistema auditivo, este recebe e processa a informação auditiva através dos recetores periféricos, e posteriormente transmite-a até ao SNC. Este sistema influencia a localização da fonte sonora, os padrões ou ritmos sonoros, discriminação auditiva, separação auditiva dos sons de fundo e a memória auditiva sequencial. A receção do som é essencial para iniciar e sequenciar os movimentos (Cheatum & Hammond, 2000). Também o planeamento motor e o desempenho motor é influenciado por este sistema, pois é o meio onde se desenvolve a consciência espacial sobre a localização de objetos (Reeves & Cermak, 2002).

Quanto ao sistema olfativo, este já é consideravelmente maduro aquando o nascimento. A sua formação inicia no período embrionário, e muitos cheiros e sabores a que a gestante se expõe, são também experienciados pelo feto. A capacidade de sentir odor começa por volta da vigésima oitava semana de gestação e aperfeiçoa-se a cada dia. O feto é capaz de sentir o cheiro de praticamente tudo aquilo que a mãe come ou inspira (Defelippe, 2016).

É o cheiro do útero que ajuda o bebé a reconhecer a sua mãe após o nascimento, bem como o do leite materno e as secreções, como suor e saliva, uma vez que apresentam odor parecido ao do líquido amniótico (Defelippe, 2016).

Os recém-nascidos são capazes de diferenciar quase tantos odores quanto os adultos. Contudo, as suas respostas parecem ser meramente reflexas. Apenas aos seis anos de idade as preferências e aversões olfativas da criança são comparáveis às de um adulto. Porém, o olfato é particularmente importante no começo da vida, pois, até que a visão e a audição do bebé estejam mais desenvolvidas, ele percebe o seu meio envolvente através do tato e do olfato (Defelippe, 2016).

Além de o olfato auxiliar o bebé a encontrar o seio materno para a alimentação, ele possui um outro papel importante, nomeadamente no desenvolvimento emocional precoce, ajudando-o a estabelecer laços fundamentais para sua sobrevivência, e promovendo uma segurança emocional (Defelippe, 2016).

Por outro lado, o olfato está diretamente relacionado com o paladar. Os recetores do nariz são especializados em detetar informações químicas procedentes tanto do ar inspirado quanto do alimento mastigado.

Sob uma visão neurológica, o olfato possui uma conexão direta com os centros de memória no cérebro. Esta conexão permite que, o indivíduo ao sentir um mesmo odor, recorde um momento vivido no passado (Tortora & Grabowski, 2005).

Quando comparado com os outros sistemas sensoriais, o olfato apresenta um caminho neuroanatômico muito peculiar. No caso dos outros sistemas sensoriais, as informações chegam ao córtex através do tronco encefálico e são direcionadas para o tálamo. A partir

dessa “estação central”, milhões de redes neuronais transferem sinais para as áreas especializadas de cada sistema. Esses sinais passam ainda pelo sistema límbico onde lhes é atribuído uma etiqueta emocional. No caso do olfato a conexão é feita diretamente para o sistema límbico, não tendo mediação do tálamo. Somente depois as informações são enviadas para o córtex orbitofrontal para serem mais processadas (Buck, 2002; Guyton & Hall, 2002).

Desta forma, o olfato funciona como um sistema de alarme que, por exemplo, quando alguém está prestes a comer algo que pode ser prejudicial à sua saúde, deteta o odor e rapidamente o associa a uma memória, para a pessoa altere o seu comportamento e não coloque o alimento na boca (Ratey, 2002).

Em suma, o olfato detem grande influência no apetite, na selecção de alimentos e, é um componente essencial nas interações sociais, incluindo o reconhecimento de coisas familiares, vínculo afetivo/emocional e, a própria atração sexual.

No que ao sistema gustativo diz respeito, o paladar, assim como o sistema vestibular, o tátil e o olfativo, surge precocemente no desenvolvimento. Tal como o sistema olfativo, também o paladar, ao perceber os sabores dos alimentos, visa permitir uma escolha segura entre o que deve ou não ser digerido.

As células gustativas reunidas em botões gustativos na língua, palato, faringe, epiglote e terço superior do esófago. Na língua, os botões gustativos estão localizados principalmente nas papilas (Buck, 2002; Junqueira & Carneiro, 2004).

As numerosas células gustativas presentes em cada botão estendem microvilosidades, onde a transdução sensorial ocorre. A célula gustativa é inervada por neurónios sensoriais e, constituem-se como sendo células eletricamente excitáveis, com canais de sódio, potássio e cálcio capazes de gerar potenciais de ação (Buck, 2002).

Na prática, o sistema gustativo distingue quatro qualidades de estímulos básicos, nomeadamente o amargo, salgado, azedo e doce. O glutamato monossódico pode representar uma quinta categoria de estímulo, chamada “umami”. Cada tipo de estímulo gustativo é detetado por um mecanismo diferente (Buck, 2002).

Segundo Miller (2006), o processamento sensorial é o modo como o SNC recebe a informação sensorial e a transforma em respostas apropriadas. Todavia, podem ocorrer desordens de processamento sensorial (DPS) quando se evidenciam dificuldade na receção da informação sensorial dos diferentes sistemas (Coll, Miller & Shoen, 2007)

1.1 A regulação sensorial

Anzalone e Williamson (2001) descrevem os quatro A's (arousal - excitação, atenção, afeto e ação) como a base da regulação do comportamento e do reflexo do processo de integração sensorial. Os quatro A's são, portanto, os caminhos pelos quais se modulam e processam as informações sensoriais (Dias, 2015).

Segundo Lane (2005), a regulação sensorial é decisiva para o envolvimento nas tarefas da vida diária. A capacidade de selecionar informação pertinente, mantendo um nível ótimo de arousal - excitação e de atenção para o desempenho de tarefas, é uma competência que exige uma modulação eficaz dos estímulos. Se, porventura, a modulação for inadequada a atenção dispersa-se para as mudanças que ocorrem no meio e, concludentemente, o nível de arousal - excitação altera-se (Dias, 2015).

Ainda de acordo com Lane (2005), ao falar-se de modulação sensorial é essencial ter-se em conta os limiares neurológicos, processo pelo qual o input das várias modalidades sensoriais é combinado através do tempo e espaço, a fim de se responder às exigências internas e externas (Dias, 2015).

Anzalone e Williamson (2001) afirmam que quando existe um baixo limiar neurológico, está-se perante um padrão de modulação de hipersensibilidade sensorial, podendo este ser observado pela defesa auditiva, tátil, visual, vestibular. Outros sujeitos com defesa sensorial procuram compensar o seu limiar e controlar o input sensorial, evitando-o (evitamento sensorial) (Dias, 2015).

2. Alta sensibilidade de Processamento Sensorial

A sensibilidade de processamento sensorial (SPS) é proposta como uma característica inata associada a uma maior responsividade a estímulos ambientais e sociais (Aron, Aron & Jagiellowicz, 2012; Acevedo, Aron, Aron, Sangster, Collins & Brown, 2014).

Originalmente medida através de uma escala desenvolvida por Aron e Aron (1997), denominada de Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial - Highly Sensitive Person Scale (HSPS), a alta sensibilidade de processamento sensorial está cada vez mais associada a genes identificáveis, comportamento, reações fisiológicas e padrões de ativação cerebral (Aron, et al. 2012).

A sensibilidade de processamento sensorial constitui-se como um fator fundamental para a evolução e sobrevivência das espécies (Aron & Aron 1997; Wolf, Van Doorn & Weissing, 2008). Ao serem mais sensíveis aos seus ambientes, estes organismos têm uma maior consciência das oportunidades (por exemplo: alimentos ou companheiros sexuais), bem como das ameaças (por exemplo: predadores ou perda de estatuto) e, por conseguinte, podem estar mais prontos a responder a essas situações emergentes. Este fenómeno é efetivamente eficaz, desde que os benefícios do aumento da sensibilidade superem os custos (como sendo o aumento das exigências cognitivas e metabólicas) (Wolf et al., 2008).

2.1 O Ser Altamente Sensível de Processamento Sensorial

O conceito de "pessoa altamente sensível" foi proposto por Aron e Aron (1997) (por exemplo, "The Highly Sensitive Person", Aron, 1996 e "The Highly Sensitive Child", Aron,

2002), incluindo um site relacionado (Evers, Rasche & Schabracq, 2008) para descrever indivíduos que são altamente sensíveis aos estímulos, mesmo àqueles de menor intensidade para os demais, ficando sobrecarregados de informação.

A sensibilidade do processamento sensorial significa, deste modo, a capacidade de processar informação e reagir intensamente aos estímulos sensoriais experienciados, cujo valor estimulante é, muitas vezes, baixo. Por conseguinte, indivíduos com alta sensibilidade de processamento sensorial, apresentam baixos limiares de sensibilidade ao estímulo (Pascalis, Strelau & Zawadzki, 1999; Strelau, 1998).

Com efeito, indivíduos caracterizados como sendo altamente sensíveis são suscetíveis a mostrar uma maior consciencialização e atenção aos estímulos subtis e parecem ser mais reativos perante estímulos positivos, mas também, negativos. Existe, de facto, uma tendência para processar estímulos de forma mais elaborada, bem como, uma maior reatividade emocional (Jagiellowicz, 2012).

Segundo Jawer (2005), existe uma tendência base representativa dos indivíduos com altos níveis de sensibilidade de processamento sensorial. De acordo com o autor, a pessoa sensível tende a fundir-se com a experiência. Esta propensão, segundo Tellegen e Atkinson (1974), é traduzida pelo conceito de absorção. De uma maneira geral, a absorção implica uma disposição para se fundir com a própria experiência em curso, envolve a capacidade de resposta a estímulos envolventes, que podem ser parte de uma experiência externa ou interna (como fantasias ou a própria imaginação). Devido ao envolvimento intenso, a absorção também inclui uma tendência a se perder nesses mesmos estímulos atraentes, resultando uma percepção aumentada, bem como, barreiras temporariamente desfocadas entre o experimentador e o objeto de atenção, o que pode resultar em estados místicos ou transcendentais (Jonsson, Grim & Kjellgren, 2014).

Deste modo, Kjellgren, Lindahl e Norlander (2009) insinuaram que os indivíduos altamente sensíveis, quando comparados com indivíduos menos sensíveis, são dotados de um sistema de estabilização menos robusto para manter um estado normal de consciência e, portanto, estão mais dispostos a experimentar um maior número de estados de consciência não-ordinários, ou seja, alterados. Um sistema de estabilização menos robusto está associado a maiores níveis de capacidade de absorção (Jonsson et al., 2014).

Jagiellowicz e colaboradores (2011), através do estudo de imagem cerebral, comprovaram que indivíduos com maiores níveis de SPS apresentam uma maior ativação nas regiões cerebrais ligadas ao processamento visual e atencional em comparação com indivíduos com baixos níveis de SPS.

Por outro lado, para indivíduos com altos níveis de processamento sensorial, o facto da música alta ou as multidões serem altamente estimulantes, podem constituir-se como fontes de stress. Por este motivo, a maioria dessas pessoas ignora luzes brilhantes, sons elevados, multidões, odores estranhos, desordem e o caos. Os momentos de solidão são absolutamente imprescindíveis para estes sujeitos. Por exemplo, no que diz respeito à visão e à audição, as

peças altamente sensíveis, parecem apresentar um processamento mais cuidadoso da informação e, portanto, distinções mais finas, quando comparados com indivíduos menos sensíveis (Aron, 1996).

Uma característica associada à alta sensibilidade de processamento sensorial é a chamada “pausa para verificar” que, por vezes, é vista como uma inibição comportamental. Nos indivíduos altamente sensíveis, parece existir uma necessidade de tempo para processar os estímulos, especialmente em situações novas (Gray, 1981). Esta particularidade do processamento de informação parece estar relacionada com o aumento da ativação de áreas cerebrais implicadas no processamento visual superior, nomeadamente no claustrum direito, occipitotemporal esquerdo, regiões bilaterais temporais e medianas e ainda parietais posteriores (Jagiellowicz, Xu, Aron, Aron, Cao, Feng, et al., 2011).

Além do referido, este processamento mais profundo e detalhado, característico dos indivíduos com altos níveis de processamento sensorial, faz com que estes relacionem, de uma forma mais intensa, as experiências passadas com o presente e com o futuro. Este, segundo Aron (1996), é o chamado “sexto sentido” que, muitas vezes, torna os indivíduos com altos níveis de processamento sensorial visionários, artistas altamente intuitivos, conscientes, cautelosos e sábios.

Segundo Aron (1996), indivíduos com altos níveis de processamento sensorial, quando comparados com indivíduos menos sensíveis de processamento sensorial, apresentam, efetivamente, níveis mais elevados nas seguintes dimensões: deteção e evitamento de erros; conscienciosidade; concentração; resolução de tarefas que exigem vigilância, precisão, velocidade e perceção de diferenças; processamento de informação a níveis mais profundos, ligado à “memória semântica”; autorreflexão sobre o próprio pensamento; maior capacidade de aprendizagem sem estarem cientes de que estão a aprender; mais influenciados pelo humor e emoções dos outros; peritos em movimentos motores finos; são, em geral, mais afetados por estimulantes, como a cafeína; e, utilizam muito o hemisfério direito do cérebro (menos linear e mais criativo).

Mecanicamente, a suscetibilidade à superestimulação está relacionada à hiperexcitabilidade neuronal típica nestes indivíduos (Aron, 1996),

Segundo Aron, Aron e Jagiellowicz (2012), ser altamente sensível de processamento sensorial resume-se a quatro facetas de sensibilidades aprimoradas, nomeadamente: reações emocionais mais fortes; processamento mais aprofundado desta informação sensorial; maior consciência de sutilezas ambientais; e, maior suscetibilidade à superestimulação quando os estímulos são muito fortes.

Com base nas três primeiras facetas da sensibilidade, os estudos demonstram que indivíduos altamente sensíveis parecem pontuar, significativamente, no traço de personalidade-conscienciosidade, ou seja, parecem “ter uma vida interior rica”, sendo afetados mais do que os outros pelas artes e pelos estímulos em geral (Homberg, Schubert, Asan & Aron, 2016). Porém, esta característica também traz desafios. Estes desafios estão

ligados à facilidade com que estes indivíduos são dominados pelos estímulos ambientais (Aron, 2010), isto corresponde à quarta faceta. Os seres altamente sensíveis, parecem apresentar reações emocionais negativas perante experiências stressantes, como é exemplo o isolamento social, a fim de evitar estímulos sociais excessivos e, por conseguinte, o risco de burnout (Evers et al., 2008) ou depressão. De um modo geral, os indivíduos com altos níveis de processamento sensorial ao ficarem mais excitados quando confrontados com estimulação nova ou prolongada, recorrem, muitas vezes, ao isolamento. As reduções na interação social podem ser explicadas pelo grande impacto da informação social, que superestimula o indivíduo e, por conseguinte, leva à evasão social (Bartolomucci, Carola, Pascucci, Puglisi-Allegra, Cabib, Lesch, et al., 2010). Deste modo, indivíduos com altos níveis de processamento sensorial quando comparados com indivíduos menos sensíveis, são caracterizados por demonstrar um maior número de inibições comportamentais, especialmente em situações novas, dando-lhes um estilo de resposta mais reflexiva (Jonsson et al., 2014). Contudo, isto não é sinónimo de uma personalidade neurótica ou antissocial, é antes uma reação ou um estado face à estimulação envolvente (Aron, 1996).

Por outro lado, estudos de Chan, Snoeren, Cuppen, Waldinger, Olivier e Oosting (2011) concluíram ainda que, com o avançar da idade, os indivíduos altamente sensíveis são vivamente afetados pela redução de comportamento sexual e aumento do comportamento agressivo.

Assim sendo, ser altamente sensível parece estar associado a um processamento sensorial tão profundo que torna a fronteira entre a saúde mental e a doença mental muito delicada (Homberg et al., 2016).

2.2 A biologia do ser altamente sensível

Na maioria dos casos, a alta sensibilidade de processamento sensorial é herdada. Contudo, as circunstâncias também podem forçar o seu atenuamento. Viver em ambientes ruidosos ou em famílias numerosas, por exemplo, pode levar à redução da sensibilidade (Aron, 1996) derivado ao processo de habituação resultante da exposição sistemática aos estímulos.

Estudos sobre as emoções em indivíduos altamente sensíveis de processamento sensorial revelaram que estes, quando comparados com indivíduos menos sensíveis, apresentam diferenças significativas no que diz respeito às emoções fortes como é exemplo o choro fácil, paixão vigorosa, felicidade aguda, bem como apresentam pontuações mais elevadas no efeito negativo de se receber um feedback também ele negativo (Aron & Aron 1997).

Investigações orientadas por Acevedo e colaboradores (2014), levou-os a afirmar que, indivíduos com maiores níveis de sensibilidade de processamento sensorial parecem estar associados a ativações mais fortes de regiões cerebrais envolvidas na consciencialização, integração de informação sensorial, empatia e preparação para ação em resposta a estímulos,

nomeadamente, a área pré-motora, área cingulada, córtex pré-frontal medial e dorsolateral e a insula.

A área pré-motora está responsável pelo controle comportamental inconsciente e no planeamento de ação (Cross, Hamilton & Grafton, 2006).

Já a área cingulada é importante para o reconhecimento das ações dos outros (Rizzolatti, Fadiga, Gallese, Fogassi, 1996).

Localizados no lobo parietal, o córtex pré-frontal medial, juntamente com o córtex cingulado posterior e o precúneo, são parte responsável pelos pensamentos negativos, por lembranças passadas e pelo planeamento de ações futuras (Gusnard, Akbudak, Shulman & Raichle, 2001).

O córtex préfrontal dorso-lateral está envolvido no processamento cognitivo de ordem superior, tomada de decisão e realização de tarefas complexas (Miller, 2000).

É no aumento da atividade desta rede que se encontra parte do processamento profundo de informações típica de indivíduos com altos níveis de processamento sensorial.

Estudos de ressonância magnética funcional (IRMF) revelaram ainda que, em indivíduos com altos níveis de processamento sensorial, existem diferenças na ativação cerebral em áreas envolvidas na atenção, processamento de informações de estímulos sociais, mas também não sociais, quando comparados com indivíduos menos sensíveis (Homberg, et al., 2016).

Indivíduos altamente sensíveis de processamento sensorial demonstraram também uma maior ativação na área tegmental ventral, um dos principais centros dopaminérgicos, conhecida pelo seu envolvimento no processamento de recompensas, importante na cognição, motivação, prazer e paixão (Acevedo et al., 2014).

De salientar, Acevedo e colaboradores (2014), não encontraram evidências significativas de ativação na amígdala, região cerebral envolvida no processamento emocional. Esses resultados sugerem que, perante estímulos emocionais, o indivíduo SPS não envolve necessariamente processos emocionais límbicos, em vez disso, prepara-se para a ação, através de sistemas de ordem superior envolvidos na consciencialização, integração de informações sensoriais e planeamento de ações.

Não obstante, uma ativação notável encontrada pelos autores atrás mencionados, foi no giro médio temporal, região importante para a criação de significado emocional (Murty, Ritchey, Adcock & LaBar, 2011), bem como para o processamento da linguagem, estímulos visuais e auditivos. Assim sendo, indivíduos altamente sensíveis parecem mostrar, efetivamente, uma maior consciência e capacidade de resposta a uma variedade de estímulos, incluindo ruídos altos, luzes brilhantes, entre outros (Dronkers, Wilkins, Van Valin, Redfern & Jaeger, 2004).

Além do referido, a alta sensibilidade de processamento sensorial parece também estar positivamente associada à ativação da insula, envolvida em funções límbicas, integração sensorio-motora e numa ampla gama de funções, incluindo atenção, emoção e processamento

autorreferencial (Phan, Wager, Taylor & Liberzon, 2002; Jabbi & Keysers 2008; Cauda, D'Agata, Sacco, Duca, Geminiani & Vercelli, 2011). A insula não só percebe os estímulos interoceptivos, como também os integra com os estados emocionais, a fim de se criar sentimentos subjetivos (Craig, 2009). Deste modo, uma maior ativação desta área pode, efetivamente, permitir uma maior consciência do estado emocional. Um processamento de informação emocional mais profundo permite assim, uma maior consciencialização do mundo interno e externo (Homberg et al., 2016). A insula mostra conectividade com outras regiões do cérebro relacionadas com a deteção e interpretação de emoções, como o giro frontal inferior.

O giro frontal inferior faz parte de um Sistema de Neurónios de Espelho (MNS) (Iacoboni, Woods, Brass, Bekkering, Mazziotta & Rizzolatti, 1999; Jabbi & Keysers 2008; Van Overwalle & Baetens, 2009) que permite aos humanos detetar de forma rápida e intuitiva os objetivos e intenções de outros (Cross et al., 2006; Van Overwalle, et al., 2009). Assim sendo, os indivíduos altamente sensíveis, parecem conseguir integrar, em maior medida, a informação sensorial e dar resposta aos estados afetivos do outro, em particular aos estados emocionais positivos. Isso pode facilitar ou agilizar a consciência e a reatividade às sutilezas ambientais (Homberg et al., 2016).

Por fim, indivíduos altamente sensíveis parecem ainda apresentar uma forte ativação no córtex pré-frontal dorso-lateral, envolvido no processamento cognitivo de ordem superior, tomada de decisão e tarefas complexas. Talvez, por esta razão, é que estes indivíduos apresentam uma ativação profunda e significativa quando presentes a estímulos socialmente relevantes (Miller, 2000), consistente com comportamentos de maior consciencialização e responsividade ao humor dos outros (Aron et al. 2012).

Em suma, ser altamente sensível de processamento sensorial pode ser vantajoso de um ponto de vista evolutivo, contudo, é metabolicamente dispendioso.

2.3. Implicações psicossociais da pessoa altamente sensível

De acordo com Aron (1996), os indivíduos com altos níveis de processamento sensorial apaixonam-se mais do que outros. Estes, ao estarem predispostos a despertar mais facilmente do que outros, estão assim, comumente, mais propensos a se apaixonarem. Contudo, estes indivíduos tendem a ser muito cautelosos (evitantes) no que diz respeito a relacionamentos próximos. O amor excessivamente intenso é, muitas vezes, rejeitado por ser extremamente exigente.

Também a autoestima pode estar na base deste enamoramento fácil e rápido nos indivíduos com altos níveis de processamento sensorial. Segundo Aron (1996), mulheres com reduzida auto-estima sentem-se, em geral, mais atraídas por um potencial parceiro masculino, quando comparadas com mulheres cuja auto-estima não se encontra comprometida.

Os indivíduos com altos níveis de processamento sensorial são propensos a possuir baixa auto-estima, por não se considerarem o ideal para sua cultura. Isto, pode efetivamente levá-los a se considerarem sortudos quando alguém os aceita e mostra interesse (Aron, 1996).

Quando, porventura, o relacionamento íntimo se dá entre dois indivíduos com altos níveis de processamento sensorial, as vantagens multiplicam-se. A sensação de confiança em expôr a excitação das suas experiências vividas é compartilhada pelo casal (Aron, 1996).

Contrariamente, quando o relacionamento íntimo se dá com um parceiro menos sensível, há uma maior probabilidade de ocorrência de sentimentos de solidão (Aron, 1996).

De um modo geral, a sensibilidade pode melhorar a comunicação íntima uma vez que estes indivíduos preferem abordagens mais profundas e reflexivas. Porém, o facto de se ter uma comunicação intensa e profunda, pode acarretar um problema, nomeadamente a excessividade (Aron, 1996).

Por outro lado, no que à dimensão saúde diz respeito, indivíduos com altos níveis de processamento sensorial parecem ser mais sensíveis à dor, medicamentos e cafeína; a sofrer mais de problemas somáticos, nomeadamente enxaquecas, dores de cabeça, dor crónica e fadiga crónica (Jawer, 2005); e a sofrer de problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e fobia social (Neal, Edelman & Glachan, 2002). É o facto desses indivíduos estarem constantemente conscientes de uma imensidade de estímulos e de precisarem de processar e integrar toda essa informação, que se cria uma carga de trabalho global de atividade mental bastante elevada. Este processo pode, efetivamente, estar relacionado com o maior nível de ansiedade (Jonsson et al., 2014).

No entanto, Neal e colaboradores (2002) reportaram, nestes indivíduos, um nível superior de ansiedade, mas não de depressão. Hofmann e Bitran (2007) afirmam que, indivíduos altamente sensíveis apresentam, em maior escala, um subtipo generalizado de distúrbio de ansiedade social, quando comparados com indivíduos menos sensíveis.

Por outro lado, Benham (2006) comprovou que indivíduos altamente sensíveis demonstram níveis significativamente mais elevados no que diz respeito ao stress percecionado e sintomas de doenças comuns. Para Ahadi e Basharpour (2010), a relação existente entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e os sintomas físicos pode ser atribuída à Facilidade de Excitação (EOE), e ao Limite sensitivo baixo (LST).

Por outro lado, Ahadi e Basharpour (2010), comprovaram também que limiares baixos de sensibilidade, bem como, a sobrecarga percecional, podem levar à ansiedade que, por conseguinte, conduz à agressividade. Posteriormente, a agressividade pode desencadear o medo de reagir de forma desadequada.

Segundo Konrad e Herzberg (2017), quanto maiores os níveis de sensibilidade de processamento sensorial, maior a sintomatologia psicológica.

Neste seguimento, o estudo da intervenção psicológica em pessoas com elevados níveis de SPS, torna-se essencial. Segundo Evers e colaboradores (2008), existe a possibilidade de Psicoeducação sobre questões relacionadas com as reações típicas destes indivíduos às

estimulações, bem como ensinar a lidar com a situação nos mais diversos domínios diários. Além disso, também se pode recorrer à promoção da procura do silêncio, (por exemplo, no relaxamento muscular, meditação, yoga, atividades desportivas, entre outras). Segundo os autores, para uma intervenção eficaz, é necessário impulsionar o sentido de autoeficácia, comprometimento e estado afetivo das pessoas envolvidas. Isto vai permitir que esses mesmos indivíduos percebam, por exemplo, o seu trabalho como mais gerenciável de modo a poderem influenciá-lo, comprometer-se e conectar-se mais com ele, sem recorrer à fuga ou ao isolamento (Aron & Aron, 1997).

3. Funcionamento sexual

“O estudo da sexualidade humana constitui-se como um dos mais ricos e complexos campos do comportamento humano, na medida em que se torna inevitável a análise da interação entre os mecanismos de origem biológica e os contextos de natureza psicossocial, em que a sexualidade se insere” (Jesus & Laja, 2017).

A necessidade de distinguir o comportamento normal do patológico, está na base da criação dos sistemas de classificação das perturbações mentais (Nobre, 2006). Estes sistemas de classificação são instrumentos imprescindíveis para a orientação da avaliação, diagnóstico e planificação da intervenção terapêutica em contexto clínico, uma vez que se tratam de definições estandardizadas e padronizadas de uma grande diversidade de quadros psicopatológicos, constituindo-se também como referenciais metodológicos para a investigação (Hatzimouratidis & Hatzichristou, 2007).

Os dois principais sistemas de classificação das perturbações psicopatológicos, nomeadamente do funcionamento sexual, são a Classificação Internacional das Doenças (CID) desenvolvida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), atualmente na sua décima revisão; e o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM) desenvolvido pela American Psychiatric Association, na sua quinta edição (APA, 2013).

Entende-se por funcionamento sexual o pleno funcionamento das condições biológicas e psicológicas que conduzem e mantem o ato sexual em si.

Fala-se de disfunção sexual quando o indivíduo não consegue concretizar uma relação sexual ou que esta seja insatisfatória para si e/ou para o seu parceiro. Concretamente, a disfunção sexual pode caracterizar-se por uma alteração no desejo sexual, na presença ou manutenção da excitação sexual e respostas à mesma, na capacidade de obter o orgasmo, na perturbação dolorosa da função sexual ou na sobreposição de qualquer uma destas alterações (Faubion & Rullo, 2015).

Um estudo de Laumann, Paik e Rosen (1999), demonstrou que, o interesse sexual e a capacidade de atingir o orgasmo mantêm-se relativamente estáveis com o desenrolar da idade, enquanto que a dor coital, a ausência de prazer no sexo e a ansiedade de desempenho

sexual diminuem. Os autores concluíram ainda que, nas mulheres, a prevalência de problemas sexuais tende a diminuir à medida que a idade aumenta, exceto no que à lubrificação diz respeito.

3.1 Modelos de Conceptualização Psicológica das Disfunções Sexuais

3.1.1 O Modelo Tradicional da Resposta Sexual Humana de Masters e Johnson (1966) e de Helen Kaplan (1974)

Devido, em grande parte, aos trabalhos pioneiros de Masters e Johnson na década de 60 e, da obra clássica daí resultante, *Human Sexual Response* (1966), o estudo da sexualidade humana afirmou-se de uma forma inquestionável (Masters & Johnson, 1966).

Surge, desta forma, o Modelo Tradicional da Resposta Sexual Humana, iniciado por Masters e Johnson (1966) e, mais tarde, aperfeiçoado por Kaplan (1974).

Masters e Johnson (1966), ao debruçarem-se sobre o ciclo de resposta sexual, afirmaram que este é composto por quatro fases distintas que seguem um padrão fisiológico característico e comum, tanto no sexo masculino, como no feminino.

Neste modelo, o ponto de partida do ciclo de resposta sexual é a estimulação sexual. Posteriormente, desencadeia-se um processo global de modificações fisiológicas que são acompanhadas por uma sensação subjetiva de prazer que caracteriza a segunda fase, a fase da excitação (Masters & Johnson, 1966).

No que ao homem diz respeito, as alterações fisiológicas traduzem-se substancialmente no desenvolvimento de mecanismos vasculares que levam à tumescência do pénis, isto é, à vasodilatação que conduz à ereção (Masters & Johnson, 1966).

Seguidamente, surge no ciclo da resposta sexual, a fase plateau. Esta traduz-se no aumento progressivo da capacidade de excitação, bem como no aumento da tensão sexual até atingir um nível máximo de intensidade que culminará no orgasmo (Masters & Johnson, 1966).

A fase de orgasmo caracteriza-se por uma intensa experiência subjetiva que se traduz na ocorrência de um pico de prazer sexual, acompanhado num primeiro momento pela libertação da tensão sexual acumulada e, posteriormente, pela contração rítmica dos músculos do períneo e dos órgãos reprodutores internos. A fase de orgasmo no homem caracteriza-se pela sensação da inevitabilidade da ejaculação e, pela própria ejaculação (Masters & Johnson, 1966).

De acordo com Masters e Johnson (1966), a última fase do ciclo da resposta sexual, é a fase de resolução. Esta fase é caracterizada pela sensação generalizada de relaxamento e bem-estar, onde se experiêcia um regresso gradual ao estado fisiológico anterior à fase de excitação. Nesta fase de resolução, o homem encontra-se fisiologicamente refratário a uma nova ereção e orgasmo, durante um período de tempo variável.

Mais tarde, Helen Kaplan (1974), veio enriquecer o estudo do ciclo da resposta sexual com um novo elemento. Surge assim, um modelo trifásico da resposta sexual, elaborado por Helen

Kaplan (1974), que alude a uma fase exclusivamente motivacional, que designou por fase do desejo. Esta fase traduz-se, fundamentalmente, na vontade e procura de envolvimento em atividade sexual e antecede as fases de excitação e do orgasmo.

Não obstante, este modelo, iniciado por Masters e Johnson (1966) e, mais tarde, aperfeiçoado por Kaplan (1974), foi bastante criticado devido à excessiva importância atribuída aos fatores fisiológicos periféricos e à linearidade radical das fases. Também a significativa desvalorização dos fatores de natureza emocional e psicológica, foi criticada (Jesus & Laja, 2017). Ainda assim, nos dias de hoje, este modelo continua a influenciar de forma significativa, a conceptualização da resposta sexual, e a constituir-se como referência na categorização das disfunções sexuais, nos manuais de diagnóstico de referência (APA, 2013).

Por outro lado, Masters e Johnson (1966) desenvolveram ainda um conjunto de técnicas terapêuticas, operacionalizadas em *Human Sexual Inadequacy* (1970), muito orientadas para o tratamento das disfunções sexuais. Baseando-se num paradigma comportamentalista, o conjunto de técnicas desenvolvidas pelos autores, tinham como objetivo a eliminação da ansiedade de desempenho dos sujeitos com dificuldades sexuais, bem como a reorientação da sua atenção para as sensações de bem-estar e prazer durante a relação sexual, com a finalidade de reduzir o fenómeno do *spectatoring* (postura de espectador de si próprio que muitas vezes o sujeito assume durante o desempenho sexual).

Também na teoria de Helen Kaplan (1974), a ansiedade associada ao desempenho sexual desempenha um papel significativo. A autora, vem ainda reforçar a importância do papel dos parceiros sexuais na manutenção das dificuldades, nomeadamente através das exigências de desempenho.

Em jeito de conclusão, segundo os autores atrás mencionados, pode-se afirmar que, o principal objetivo das primeiras intervenções em terapia sexual em sujeitos com dificuldades sexuais, centra-se na redução do medo de falhar e do fenómeno do *spectatoring*. (Nobre, 2006).

3.1.2 O Modelo Circular de Resposta

Basson (2005), tal como os autores atrás mencionados, também se debruçou sobre o estudo do ciclo de resposta sexual e, por conseguinte, apresentou uma teoria alternativa às anteriores. Para Basson (2005), o ciclo de resposta sexual está, efetivamente, assente nas mesmas fases que foram conceptualizadas pelos autores atrás referidos, contudo, estas fases podem-se sobrepôr e/ou seguir uma ordem variável.

No modelo de resposta circular de Basson (2005), é a intimidade que origina, mantém e termina o ciclo sexual.

O ciclo proposto por Basson (2005), ilustra o desejo sexual responsivo, experienciado durante a atividade sexual e, o desejo sexual entendido como variável inicial (“desejo espontâneo”). Segundo a autora, é bem possível que no início de uma determinada

experiência sexual, a mulher não sinta qualquer desejo sexual em si mesmo. Segundo a autora, na fase “inicial”, ainda que com motivação positiva, existe, geralmente, uma neutralidade sexual. As motivações das mulheres para o envolvimento sexual são complexas e podem ir desde: o aumento da proximidade emocional com o parceiro, designada de intimidade emocional; a promoção do bem-estar e autoimagem, ou seja, ideia de que se é atraente, apreciada, amada e/ou desejada; e, a redução de sentimentos de ansiedade ou de culpa pelo não envolvimento na atividade sexual. Esta motivação predispõe a mulher para a procura e foco da sua atenção em estímulos sexuais, de forma consciente. Estes estímulos são processados mentalmente, sendo influenciados por aspetos biológicos e psicológicos. O estado resultante é o de excitação sexual subjetiva (Basson, 2005).

Com estimulação continuada, a excitação sexual e o prazer tornam-se mais intensos, fazendo com que o interesse sexual ausente, passe a estar presente, surgindo assim o desejo de atividade sexual. A estimulação continua por tempo suficiente, conduz à satisfação sexual, com ou sem orgasmo. Esta satisfação, ocorre quando a mulher consegue manter-se focada e goza da sensação de excitação sexual, estando livre de qualquer resultado negativo, como é o caso da dor (Vilarinho, 2010). As emoções e os resultados físicos positivos, aumentarão a motivação subsequente (Basson, 2001, 2002).

Assim sendo, o modelo de Basson sugere alguma circularidade entre o funcionamento sexual e a satisfação sexual, de tal forma que o envolvimento, o interesse e a excitação sexual, contribuem para experiências sexuais satisfatórias. Por seu turno, as experiências gratificantes contribuem, de um modo geral, para o aumento do interesse sexual (Vilarinho, 2010).

Por outro lado, os problemas de excitação nas mulheres e a disfunção erétil nos homens, revelaram, em estudos anteriores, uma associação forte com a insatisfação sexual (Laumann et al., 1999). Porém, outros estudos mostram que a satisfação sexual pode ser mais influenciada por fatores de ordem contextual, qualidade de vida e bem-estar geral, do que propriamente pelas respostas corporais associadas a um bom funcionamento sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Hurlbert, Apt & Rabehl 1993; Young, Denny, Young & Luquis, 2000).

3.2 Funcionamento sexual e traços de personalidade

A ansiedade de desempenho sexual tem sido relacionada com o neuroticismo (Rosenheim & Neumann, 1981; Quinta-Gomes & Nobre, 2011); funcionamento sexual global (Crisp, Vaccaro & Fellner, 2015); excitação sexual (Kennedy, Dickens, Eisfeld, et al., 1999) e dificuldades orgásmicas (Kennedy, Dickens, Eisfeld, et al., 1999; Harris, Cherkas, Kato, et al., 2008).

Por seu turno, a extroversão parece estar associada a níveis mais elevados de funcionamento sexual e satisfação sexual, tanto em homens como em mulheres (Quinta-Gomes & Nobre, 2011; Crisp, Vaccaro, Fellner, et al., 2015; Harris, Cherkas, Kato, et al., 2008; Costa, Fagan, Piedmont, et al., 1992; Schenk, Pfrang & Rausche, 1983).

De acordo com Oliveira e Nobre (2013), as mulheres com disfunção sexual apresentam níveis mais baixos de traços e características positivas.

3.3 O Funcionamento sexual e a cognição

Segundo alguns estudos, a distração cognitiva interfere com a resposta sexual. Por exemplo, em mulheres saudáveis sexualmente, a excitação sexual genital e subjetiva diminui quando existe exposição a estímulos eróticos acompanhados por uma tarefa de distração cognitiva (Adams, Haynes & Brayer, 1985; Elliot & O'Donohue, 1997).

No que diz respeito aos pensamentos automáticos, quando comparados com indivíduos sexualmente saudáveis, tanto homens como mulheres com problemas no funcionamento sexual, relatam ter, significativamente, mais pensamentos automáticos negativos durante a atividade sexual, bem como falta de pensamentos eróticos (Morton & Gorzalka, 2013; Nobre & Pinto-Gouveia, 2008). Assim sendo, os pensamentos automáticos negativos, experimentados durante a atividade sexual, parecem desempenhar um papel importante na manutenção da disfunção sexual (Brotto, Atallah, Johnson-Agbakwu, Rosenbaum, Abdo, Byers, Graham, Nobre & Wylie, 2016).

Como já referido, o *spectatoring* foi introduzido para designar a auto-monitorização, auto-avaliação e auto-observação que o indivíduo faz de si mesmo durante a atividade sexual, como se de uma terceira pessoa se tratasse, deste modo, Barlow (1986), no seu modelo de processamento da informação referente às disfunções sexuais, afirma que, a atitude de espectador (*spectatoring*) interrompe o desempenho sexual através da interferência cognitiva. Neste processo, a atenção do sujeito fica direcionada para si próprio e para o desempenho sexual (foco nas potenciais consequências ameaçadoras do fracasso sexual), em vez de estar orientada para os aspetos sensoriais e recompensadores da experiência sexual (como pistas eróticas facilitadoras da excitação sexual) (Barlow, 1986, p. 146).

O processamento de estimulação erótica, capaz de produzir e manter as respostas sexuais físicas, exige capacidade atencional plena (Barlow, 1986; Janssen, Everaerd, Spiering, & Janssen, 2000; van den Hout & Barlow, 2000). A redução desta capacidade, com tarefas cognitivas distrativas, perturba a resposta genital (Abrahamson, Barlow, & Abrahamson, 1989).

No que à resposta sexual feminina diz respeito, as preocupações com a aparência física e auto-imagem corporal podem exercer uma influência distrativa e perturbadora, idêntica à das exigências de ereção e desempenho sexual na resposta sexual masculina (Wiegel, Scepkowski, & Barlow, 2007). Neste sentido, estudos demonstram que as mulheres que se avaliam de forma negativa, quanto à aparência física, apresentam índices significativamente superiores de evitamento sexual (Faith & Schare, 1993) e, por conseguinte, menor experiência sexual (Wiederman & Hurst, 1998).

Nesta linha, Dove e Wiederman (2000) observaram que, mulheres que patenteavam níveis mais elevados de distração cognitiva, no desenrolar da atividade sexual,

nomeadamente relacionadas com o foco de atenção na aparência corporal ou no desempenho sexual, apresentavam menor satisfação sexual, níveis mais baixos de autoestima sexual, menos ocorrência de orgasmos e maior probabilidade de fingir o orgasmo.

Contudo, existem outros estudos que indicam que focar a atenção em si mesmo durante a resposta sexual, pode não ser fatalmente prejudicial. Trapnell e colaboradores (1997) sugerem que, por vezes, a autoconsciência pode beneficiar a resposta sexual feminina, tanto na presença como na ausência de disfunções sexuais, nomeadamente perturbações do orgasmo e da excitação (Trapnell, Meston & Gorzalka, 1997).

De acordo com estudos orientados por Seal e Meston (2007), a indução do auto-foco ou da autoconsciência corporal pode, efetivamente, aumentar a excitação sexual subjetiva e a perceção da excitação sexual física, em resposta aos estímulos eróticos.

Assim sendo, a atitude de espectador (*spectatoring*), assim como o foco sensorial, ao envolverem ambos a auto-consciência (atenção direcionada para si mesmo), pode influenciar o funcionamento sexual, tanto negativamente como positivamente. O alvo da atenção e o modo como é avaliado o conteúdo, é que orienta o rumo da resposta sexual. Se a atenção for direcionada para sensações eróticas, pensamentos e sentimentos agradáveis, facilita, se, por outro lado, a atenção é dirigida para pensamentos negativos, isso poderá, efetivamente, perturbar o funcionamento sexual (Seal e Meston, 2007).

Por outro lado, no que a estímulos distrativos não direcionados a si próprio diz respeito, estudos realizados por Geer e Fuhr (1976), visaram avaliar os efeitos desses mesmos estímulos na resposta de excitação sexual de sujeitos sem disfunção. Os resultados demonstraram que o aumento da atenção na realização da tarefa distrativa, comprometia significativamente a atenção para os estímulos de conteúdo erótico, reduzindo, desta forma, a resposta sexual.

Porém, estudos realizados com sujeitos com disfunção sexual, demonstram que estes não apresentam uma diminuição do nível de ereção quando colocados perante uma tarefa distrativa. Estes resultados podem advir do facto destes sujeitos terem uma maior propensão para focar a sua atenção em estímulos não eróticos que, quando confrontados com um novo estímulo distrativo, apenas ocorre uma mudança do foco de atenção de um estímulo não erótico para outro estímulo não erótico (como por exemplo, a preocupação acerca do desempenho sexual, para a realização de uma tarefa cognitiva), sem que isso se traduza numa alteração ao nível da resposta sexual (Abrahamson, Barlow, Sakheim, Beck & Athanasiou, 1985)

3.3.1 Funcionamento sexual e esquemas cognitivos

Segundo Beck (1996), os esquemas cognitivos são ideias sobre o eu, os outros e o futuro, responsáveis pelo significado que os indivíduos atribuem às suas experiências atuais e/ou passadas.

Indivíduos com relações sexuais disfuncionais, parecem ativar significativamente mais esquemas cognitivos negativos, em resposta a episódios sexuais adversos (Oliveira & Nobre, 2013; Quinta Gomes & Nobre, 2011).

Os auto-esquemas sexuais são representações cognitivas sobre aspetos sexuais do eu que interferem no processamento cognitivo da informação. É nas experiências passadas do sujeito que estes esquemas se formam e manifestam nas experiências atuais, influenciando o seu comportamento sexual (Andersen & Cyranowski, 1994). Contudo, estas estruturas cognitivas podem evoluir de acordo com as diversas situações experienciadas, em termos comportamentais e de afeto sexual (Cyranowski, Aarestad & Andersen, 1999).

De acordo com Widerman e Hurst (1997) os auto-esquemas sexuais estão associados a ideias subjetivas de atratividade corporal, bem como com o evitamento social causado por preocupações com a aparência. Desta forma e, segundo os autores, se o indivíduo se considerar fisicamente atrativo promove uma maior confiança e conforto nas interações sexuais. O facto de se considerar pouco atraente, pode funcionar como um inibidor da interação sexual.

De acordo com Andersen e Cyranowski (1994), as mulheres com auto-esquemas sexuais negativos, referem ter menos interesse pela atividade sexual, menos pensamentos sexuais e menos excitação sexual, quando comparadas com mulheres com auto-esquemas sexuais mais positivo. Os homens com auto-esquemas sexuais negativos tendem a reportar níveis mais baixos de excitação (Andersen, Cyranowski & Espindle, 1999).

Estudos recentes têm demonstrado o importante papel dos esquemas cognitivos na predição da disfunção sexual.

3.3.2 O Funcionamento sexual e as crenças sexuais

Os mitos sexuais (como por exemplo, "homem que é homem está sempre pronto para o sexo"), são mais comumente endossados por homens com problemas sexuais do que por homens saudáveis (Peixoto & Nobre, 2014).

Nas mulheres, são as crenças baseadas na imagem corporal que se encontram fortemente associadas a problemas de carácter orgásmico (Nobre & Pinto-Gouveia, 2008).

Por outro lado, crenças relacionadas à idade são comuns em mulheres com vaginismo (Nobre & Pinto-Gouveia, 2008) e, crenças sexuais conservadoras estão fortemente relacionadas com o baixo desejo sexual (Nobre, 2009; Carvalho & Nobre, 2010) e, com o vaginismo (Borg, Jong, Schultz, 2011).

3.4 O Funcionamento sexual e saúde mental

No que à depressão diz respeito, esta encontra-se efetivamente associada à perda ou diminuição do interesse sexual e/ou da excitação sexual (Kennedy, Dickens, Eisfeld, et al., 1999; Hayes, Dennerstein, Bennett, et al., 2008). Alguns estudos sugerem que, quando

comparados com homens sexualmente saudáveis, homens com disfunção sexual exibem um comprometimento depressivo significativamente maior durante a exposição ao erotismo (Heiman & Rowland, 1983; Abrahamson & Barlow, Sakheim, et al., 1985; Beck & Barlow, 1986).

Segundo um estudo realizado por Meisler e Carey (1991), os homens deprimidos mostraram um atraso significativo na excitação sexual subjetiva, durante a exposição a um filme erótico, quando comparados com homens em estado de humor positivo.

Indivíduos com disfunção sexual relataram ter significativamente mais emoções negativas (como tristeza ou medo) e menos prazer e satisfação durante a atividade sexual, quando comparados com indivíduos sexualmente saudáveis (Nobre & Pinto-Gouveia, 2008). Estes dados inspiram que, o humor deprimido está fortemente associado à resposta sexual e ao funcionamento sexual, podendo acarretar um forte impacto negativo na excitação sexual (Brotto, et al., 2016).

Quanto à ansiedade, segundo Van Minnen e Kampman (2000) e, como descrito anteriormente, esta nem sempre é perigosa para o funcionamento sexual. Em níveis moderados e situações relativamente "seguras", a ansiedade pode efetivamente aumentar a excitação sexual. Não obstante, níveis exorbitantemente altos de ansiedade, podem prejudicar o funcionamento sexual.

Por conseguinte, é uma necessidade verificar se a ansiedade ou a depressão são uma consequência ou uma causa da queixa sexual. Algumas pesquisas sugerem que o alívio do problema sexual está associado ao alívio da depressão (Seidman, Roose, Menza, et al. 2001).

3.5 O Funcionamento sexual e os fatores interpessoais e relacionais

É um facto que a atividade sexual ocorre, geralmente, num contexto interpessoal. Assim sendo, tanto a qualidade dos aspetos não-sexuais do relacionamento, como as próprias experiências vividas através da interação sexual podem afetar o funcionamento sexual.

De acordo com Meston e Buss (2007), uma das grandes motivações para a atividade sexual é o aumento da intimidade emocional. Níveis baixos de desejo sexual, principalmente nas mulheres, tem sido associado a baixos níveis de coesão diádica e de afeição.

Segundo McCabe (1997), indivíduos com pouca satisfação sexual e/ou com disfunção sexual parecem ter uma comunicação sexual e não-sexual mais pobre.

4 Perdão

4.1 Conceptualizar o perdão

A definição de perdão não é consensual, no entanto todos os autores concordam que é um fenómeno complexo. Este fenómeno tem sido amplamente estudado, tanto como resposta a uma transgressão interpessoal, como um traço de personalidade.

Perdoar requer que quem perdoa esteja consciente de ter sido magoado pelo outro. Sem transgressão ou mágoa, não existe nada para perdoar (Enright & Coyle, 1998; Fincham, 2000).

Para Jones (1995), o perdão é "não tanto como uma palavra falada, uma ação executada, ou um sentimento sentido", mas sim, como algo que "exige o cultivo de caráter através da disciplina, da prática e do tempo"(p. 23) (Kathleen, Lawler-Row & Piferi, 2006).

Segundo Erikson, Erikson e Kivnick (1986), o perdão requer uma regulação emocional perante um conflito; capacidade de simpatizar com as perspectivas dos outros; e, reconhecimento de que as pessoas são integrações complexas de traços positivos e negativos. Deste modo, o perdão pode representar uma postura interpessoal e um conjunto de habilidades que têm benefícios claros para desenvolver e manter relacionamentos.

Enright, Freedman & Rique (1998) explicam o perdão como sendo uma atitude moral voluntária de abdicar de um direito de ressentimento, julgamento negativo e de um comportamento indiferente em relação a quem nos feriu injustamente, favorecendo qualidades de compaixão, misericórdia, generosidade e até amor para com o agressor.

De acordo com McCullough, Pargament e Thoresen (2000), o perdão pode ser conceptualizado como uma mudança pró-social nos pensamentos, emoções, motivações e/ou comportamentos de uma vítima em relação a um transgressor perante uma transgressão específica.

Worthington e Wade (1999), exploram a indulgência com base na emoção. Quando existe uma transgressão interpessoal, a vítima pode perceber a transgressão como prejudicial, ofensiva ou ambos. Essas percepções são, muitas vezes, acompanhadas de reações emocionais imediatas de raiva (quando a transgressão é percebida como uma ofensa) (Thoresen, Luskin, & Harris, 1998) ou de medo (quando a transgressão é percebida como prejudicial) (Worthington & Wade, 1999). Estas reações emocionais imediatas podem ocorrer mesmo quando o perdão é rapidamente alcançado.

A falta de perdão é um fenómeno emocionalmente complexo, envolvendo afetos como ressentimento, amargura, hostilidade, ódio, raiva residual, medo e depressão (Worthington & Wade, 1999). Este fenómeno é desenvolvido pela ruminação sobre a natureza da transgressão; consequências para a vítima ou para o relacionamento; e sobre as atribuições à cerca das motivações do transgressor (Berry et al., 2001; Fincham, 2000; McCullough, Bellah, Kilpatrick, & Johnson, 2001). É um facto que, quem não perdoa, vivencia, comumente, um estado emocional desagradável, no entanto, esses indivíduos parecem ser motivados para a redução ou superação desse mesmo estado (Berry et al., 2005). Worthington (2001) afirma que as pessoas podem reduzir essas emoções desagradáveis da seguinte forma: através da vingança ou justiça legal; aceitando a injustiça; ou, fazendo uma recodificação cognitiva do evento, das consequências e/ou dos motivos do transgressor, negando as emoções ou perdando a transgressão.

Por outro lado, Worthington e Wade (1999), conceptualizam o perdão como a justaposição ou sobreposição de emoções positivas sobre as emoções negativas associadas à

falta de perdão. Essas emoções positivas podem incluir o amor, compaixão, empatia ou simpatia pelo transgressor. Também a humildade sobre a própria culpa real ou potencial (Tangney, 2000), ou a gratidão pelas próprias experiências de perdão, podem facilitar a redução ou a substituição das emoções negativas associadas à falta de perdão (McCullough, Emmons, & Tsang, 2002; Witvliet, Van, Ludwig & Vander Laan, 2001). Quando se perdoa, as motivações básicas ou tendências de ação em relação ao transgressor tornam-se mais positivas (benevolentes, generosos) e menos negativas (vingança, evitamento) (McCullough, Pargament & Thoresen, 2001).

McCullough e Witvliet (2002) detetaram três sentidos em que o termo perdão pode ser utilizado, nomeadamente: como traço de personalidade; como resposta a uma transgressão específica; e como característica das unidades sociais. É importante analisar e categorizar o perdão como um estado ou, por outro lado, um traço de personalidade. Se for considerado um estado, ele é momentâneo e passageiro. Se for considerado um traço de personalidade é definido por algo estável que ultrapassa situações e contextos.

O perdão episódico, descreve o perdão relacionado a um episódio específico de transgressão interpessoal. Este é influenciado por vários fatores e circunstâncias (McCullough & Witvliet, 2002; McCullough Rachal, Sandage, Worthington, WadeBrown & Hight 1998), como é exemplo a gravidade e a intencionalidade, bem como o contexto em que ocorre a transgressão. Parece ser mais difícil perdoar transgressões que são mais graves e intencionais e que têm mais consequências negativas (Boon & Sulsky, 1997; Fincham, Jackson & Beach, 2005). Quanto ao contexto, a proximidade da relação, compromisso, satisfação e tipos específicos de relacionamentos também influenciam o perdão (Allemand, Amberg, Zimprich & Fincham 2007).

No que ao perdão enquanto traço da personalidade diz respeito, Emmons (2000) propôs que este tem, efetivamente, “o poder de transformar a pessoa de um estado de fragmentação para um estado de integração estendendo-se além da felicidade, da saúde e do bem-estar a uma sensação mais profunda de coerência, totalidade e integração do eu” (p. 171). Ao nível disposicional, o perdão é conceptualizado como uma tendência para perdoar transgressões ao longo do tempo e em diversas circunstâncias interpessoais (Berry et al., 2001; Brown, 2003; Emmons, 2000; Mullet et al., 1998).

O estudo do perdão enquanto característica da personalidade sugere algumas correlações. Por exemplo, Berry e colaboradores (2001) relataram que o perdão-traço está positivamente relacionado com a amabilidade e com a conscienciosidade. Adicionalmente, Worthington (1998) também postulou que a abertura à experiência é uma característica de promoção do perdão tal como a amabilidade. De salientar que existem muitos estudos que contrariam esta correlação positiva entre a abertura à experiência e o perdão, no entanto, a maioria da pesquisa empírica encontra correlações positivas entre a amabilidade e o perdão. Indivíduos com grandes níveis de amabilidade tendem a prosperar no domínio interpessoal,

experimentando menos conflitos interpessoais (Ashton, Paunonen, Helmes & Jackson, 1998; Brown, 2003).

Em contraste, o perdão-traço parece apresentar correlações negativas relativamente à extraversão e ao neuroticismo. Walker e Gorsuch (2002) mostraram que o perdão-traço se encontra negativamente relacionado com três facetas do neuroticismo, nomeadamente a ansiedade, a emotividade e a desconfiança, porém, positivamente relacionado com a estabilidade emocional. Assim sendo, indivíduos emocionalmente estáveis, que se constitui como o inverso do neuroticismo, parecem obter maiores níveis de perdão. Segundo Worthington (1998), o Neuroticismo é uma característica inibidora do perdão e, esta afirmação recebeu efetivamente apoio empírico.

Para Worthington (1998), também a introversão é uma característica que dificulta o perdão. Esta afirmação é suportada por Ross (1999) que declara que o perdão pode efetivamente estar relacionado com a Extraversão e com as emoções positivas (Brose, Rye, Lutz-Zois & Ross 2005).

Por outro lado, quem perdoa mais facilmente, parece ser menos ruminativo quando comparado com os demais (McCullough et al., 2001). Assim sendo, as tendências ruminativas parecem interferir com a tendência das pessoas para perdoar transgressões interpessoais. Além do referido, pessoas com altos níveis de perdão parecem demonstrar atitudes e comportamentos menos vingativos (Brown, 2003).

Ashton e colaboradores (1998) acrescentaram ainda a ideia de que indivíduos altruístas parecem mostrar maiores níveis de perdão-traço, quando comparados com indivíduos menos altruístas. Para além disso, existe também uma associação entre gratidão e perdão-traço. Indivíduos que tendem a experimentar maiores níveis de gratidão parecem demonstrar maiores níveis de perdão-traço.

Quanto às diferenças relativamente ao sexo e à idade, diversos estudos comprovaram uma relação existente entre a idade e o género com o perdão. Ao que parece, pessoas mais velhas evidenciam ser mais indulgentes do que os mais jovens (Girard & Mullet, 1997; Mullet et al., 1998; Toussaint, Williams, Musick & Everson, 2001).

Por outro lado, as mulheres parecem apresentar maiores níveis de perdão, quando comparadas com os homens, embora as diferenças de género nem sempre serem encontradas (Berry et al., 2001; Lawler, Younger, Piferi, Billington, Jobe, Edmondson & Jones, 2003).

Numa outra dimensão, existem doutrinas religiosas que promovem o perdão como sendo uma virtude, e os ensinamentos religiosos muitas vezes introduzem crenças e recomendam métodos para facilitar o perdão de transgressões interpessoais (Mullet, et al., 1998; Pargament & Rye, 1998). Estudos indicam que pessoas mais religiosas tendem a valorizar mais o perdão do que aqueles que são menos religiosos (Rokeach, 1973; Shoemaker & Bolt, 1977). Da mesma forma, o envolvimento religioso está correlacionado positivamente com a tendência para perdoar e negativamente correlacionado com a tendência de se vingar (Poloma & Gallup, 1991).

Não obstante, também a empatia foi identificada por diversos autores, nomeadamente por McCullough, Worthington & Rachal (1997), como parte integrante do processo de perdão.

Quanto à influência do perdão na saúde, os pesquisadores defendem o perdão como um potencial meio de promoção de benefícios, a longo prazo, para a saúde física, psicológica, bem como para um melhor ajuste social (Kaplan, 1992; Witvliet, et al., 2001).

4.2 O papel da ruminação no perdão

Como já anteriormente referido, a ruminação é crucial para a falta e/ou diminuição do perdão. Este processo consiste num padrão de pensamentos persistentes, relativos a acontecimentos passados ou dificuldades atuais, ou seja, a ruminação é uma cognição repetitiva, automática e intrusiva que geralmente não é produtiva de comportamentos adaptativos. Tem sido associada ao transtorno de stresse pós-traumático (Horowitz & Salomon, 1975; Horowitz, Wilner, Kaltreider & Alvarez, 1980), à depressão (Nolen-Hoeksema, 1987, 1991) e ao transtorno obsessivo-compulsivo (Hodgson & Rachman, 1977).

Para McCullough e colaboradores (1998) a ruminação impulsiona motivações de vingança. Estes autores sugeriram que, algumas pessoas são depositariamente mais vingativas do que outras, e esse desejo de vingança é motivado por um pensamento ruminativo sobre as ofensas.

Estes conteúdos são experienciados como pensamentos geralmente negativos, associados a significados críticos de si, das experiências pessoais, dos outros ou do mundo, acarretando emoções como a culpa, a vergonha ou a raiva (Conceição, 2015). Estudos de Berry e colaboradores (2005) demonstraram que a ruminação tem efetivamente influencia na manutenção de afetos negativos, como hostilidade e raiva.

4.2.1 O Modelo de relações de vulnerabilidade-stresse-adaptação (VSA)

No modelo VSA, existem três principais componentes que interagem entre si, nomeadamente: vulnerabilidades duradouras, stresse e processos adaptativos.

As vulnerabilidades duradouras são traços ou características que inibem a capacidade de ter um relacionamento bem-sucedido (por exemplo, habilidades de comunicação precárias e neuroticismo) (Braithwaite, Mitchell, Selby & Fincham 2016).

Os processos adaptativos são processos interativos que ocorrem no relacionamento e que são influenciados pelas vulnerabilidades duradouras de ambos os parceiros (como a boa comunicação e a capacidade de gestão de conflitos) (Braithwaite et al., 2016).

O stresse, incitado por eventos de curta ou longa duração, constitui-se como um poderoso preditor do funcionamento do casal, dificultando até os processos adaptativos de casais com poucas vulnerabilidades duradouras (Braithwaite et al., 2016).

De acordo com Braithwaite e colaboradores (2016), as tendências cognitivas e os traços de personalidade podem facilitar ou inibir o perdão, uma vez que o perdão é um processo intrapessoal com conseqüências comportamentais. O perdão implica uma mudança de pensamentos e ações para com o transgressor (Kearns & Fincham, 2004). As cognições pró-sociais facilitam o perdão, enquanto que, a desconfiança e a auto-proteção o inibe (Gerlach, Allemand, Agroskin & Denissen, 2012).

De acordo com Braithwaite e colaboradores (2016), a tendência ou vulnerabilidade cognitiva para ruminar reflete um traço de personalidade, o neuroticismo. Este traço de personalidade é marcado por uma tendência a experimentar altos níveis de emoções negativas, especialmente em resposta ao stress (Fisher & McNulty, 2008). Um indivíduo com elevados níveis de estabilidade emocional tem menos probabilidade de perceber ofensas ou experimentar sofrimento persistente após um evento negativo. Os eventos negativos tendem a ser mais angustiantes para os indivíduos neuróticos e as emoções negativas tendem a perdurar por mais tempo (Braithwaite et al., 2016). Deste modo, o chamado “Perdão-traço” designa um traço de personalidade que reflete baixos níveis de Neuroticismo (Brown, 2003; Steiner, Allemand & McCullough, 2011).

Em jeito de conclusão, os estudos de Braithwaite e colaboradores (2016), demonstraram que indivíduos com maiores níveis de neuroticismo parecem ser menos propensos a perdoar o que, por sua vez, pode reduzir a satisfação do relacionamento. Da mesma forma, a satisfação do relacionamento parece supor uma maior probabilidade de perdão que, por sua vez, reforça a satisfação do relacionamento a longo prazo.

4.3 Perdão-traço e traços afetivos

Provavelmente a emoção negativa mais associada à falta de perdão é a raiva (Enright, Gassin, & Wu, 1992). Pesquisas demonstram que, os atos individuais de perdão estão relacionados a uma redução da raiva em relação às transgressões (Huang & Enright, 2000; Rye, Loiacono, Folck, Olszewski, Heim & Madia, 2001; Seybold, Hill, Neumann e Chi, 2001; Weiner, Graham, Peter, & Zmuidinas, 1991). Nesta linha, Tangney, Fee, Reinsmith, Boone e Lee (1999) mostraram que, perdoar está negativamente correlacionado com raiva, agressão e vingança.

Worthington e Wade (1999) acrescentam ainda a ideia de que o medo pode levar ao desenvolvimento da falta de perdão emocional, provavelmente em combinação com a raiva. O medo é presumivelmente a resposta emocional preponderante quando uma transgressão é percebida como mais prejudicial e dolorosa do que ofensiva. Assim, evitar o transgressor, em vez da vingança, pode ser a principal motivação.

Por outro lado, o Neuroticismo está associado à experiência de emoções negativas, como a ansiedade e a depressão, bem como a uma tendência para a preocupação (John, 1990). Vários estudos relatam ainda que o neuroticismo está negativamente associado à tolerância (Ashton et al., 1998; Berry et al., 2001).

Berry e colaboradores (2005) afirmam que o Perdão-traço se correlaciona positivamente com o fator de personalidade - Amabilidade, associada à propensão para ser caritativo e cooperante em vez de desconfiado e antagonista face aos outros. Indivíduos “amáveis” estimam a boa relação com os outros. A Amabilidade está relacionada com a empatia e com traços ligados a relacionamentos interpessoais positivos, tais como bondade, confiança e capacidade de intimidade.

McCullough e colaboradores (2001) descobriram que a Amabilidade está negativamente associada à vingança e, por sua vez, a vingança está negativamente correlacionada com o perdão.

Também Neto e Mullet (2003) se debruçaram sobre o estudo do perdão e descobriram que, embora a indulgência fosse associada à timidez e ao constrangimento, esta não estava associada à auto-estima nem à solidão.

4.4 O perdão e as relações íntimas

O estudo de McCullough e colaboradores (1997), mostrou que o perdão se relaciona positivamente com a empatia, a proximidade, o compromisso e com as crenças sobre o próprio relacionamento.

Por outro lado, o perdão parece também estar relacionado com a comunicação e resolução de conflitos. Fincham e Beach (2002) demonstraram que o perdão parece estar positivamente relacionado com a comunicação construtiva no relacionamento e negativamente relacionado com a agressão psicológica. Também Karremans e Van Lange (2004) descobriram que, o perdão, aparenta prever e restaurar a motivação e o comportamento pró-relacionamento, independentemente do nível de compromisso com o agressor.

Assim sendo, pode-se inferir que o perdão é capaz de promover o ajuste do relacionamento, a motivação e o comportamento pró-relacionamento, bem como promover o funcionamento relacional ao nível da comunicação e da resolução de conflitos (Allemand et al., 2007).

A evidência de que o perdão desempenha um papel importante na manutenção de relacionamentos saudáveis e românticos é inquestionável. O perdão está associado a um maior empenho e sacrifício para o benefício de um parceiro romântico (Karremans & Van Lange, 2004), bem como a reduções na raiva, tristeza, ansiedade e depressão (Coyle & Enright, 1997; Freedman & Enright, 1996).

A maioria dos estudos sobre o perdão mostram que este promove, efetivamente, relacionamentos mais satisfatórios (Fincham & Beach, 2007), embora algumas evidências sugiram que o perdão pode não ser tão adaptativo quando se trata de relacionamentos marcados por altos níveis de conflito negativo (McNulty, 2008, 2010).

No entanto, a relação entre perdão e satisfação relacionada com o relacionamento, concentra-se principalmente no perdão específico da ofensa e não na tendência geral de

perdoar. Como referido anteriormente, a tendência de perdoar reflete um atributo, um traço consistente ao longo do tempo (Brown, 2003). Já o perdão específico da ofensa ocorre numa transgressão específica com um parceiro específico em fatores contextuais específicos. A tendência para perdoar não reflete fatores situacionais altamente contextualizados, em vez disso, concentra-se na tendência mais ampla de perdão em vários contextos e situações (Braithwaite et al., 2016).

4.4.1 A influência da satisfação com a relação no perdão

Como já anteriormente referido, a satisfação com o relacionamento é um dos vários fatores relacionais que pode, efetivamente, influenciar o perdão episódico (Worthington, 1998). McCullough e colaboradores (1998) debruçaram-se sobre as possíveis hipóteses para explicar esta relação. Segundo os autores, os parceiros em relacionamentos romântico, podem estar mais dispostos a agir de maneira benevolente quando investem recursos consideráveis no relacionamento. Além disso, os parceiros em relacionamentos de alta qualidade, podem ter uma orientação a longo prazo que possa motivá-los a ignorar mágoas, a fim de maximizar a probabilidade de preservar o relacionamento. Os parceiros podem ser mais propensos a pedir desculpas, comunicar arrependimento e/ou tentar consertar os efeitos das suas transgressões em relacionamentos de alta qualidade, quando comparados com parceiros em relacionamentos de baixa qualidade.

Recentemente, Kachadourian, Fincham e Davila (2004) examinaram as associações entre perdão-traço, apego e satisfação conjugal em casais. Os autores descobriram que o perdão-traço se encontra relacionado com a satisfação do relacionamento. Indivíduos altamente satisfeitos com as suas relações íntimas, parecem responder aos parceiros tendo em conta o seu próprio sentimento e não de acordo com o comportamento do parceiro. A este processo, Weiss (1980) designa de “bloqueio do sentimento”.

De salientar, as transgressões nos relacionamentos são inevitáveis, para que os parceiros mantenham a satisfação do relacionamento ao longo do tempo, é essencial saber como lidar e superar com experiências interpessoais negativas.

4.4.2 O modelo de relações de vulnerabilidade-stresse-adaptação (VSA) e os relacionamentos íntimos

O modelo de relações de vulnerabilidade-stresse-adaptação (VSA) oferece uma estrutura integrativa sobre as mágoas nos relacionamentos românticos, o papel do perdão-traço, do perdão episódico e da satisfação com o relacionamento. Este modelo debruça-se sobre características de personalidade, eventos stressantes e processos de enfrentamento, bem como as suas relações com a satisfação e estabilidade do relacionamento íntimo (Karney & Bradbury, 1995).

No que às características da personalidade diz respeito, estas constituem-se como vulnerabilidades pessoais, interpessoais, bem como fatores de proteção. Segundo este modelo, uma disposição para agir de forma indulgente pode ser entendida como um fator protetor. Karney e Bradbury (1995) corroboram a ideia de que a estabilidade dos relacionamentos é diretamente influenciada pela satisfação com o relacionamento, que interage com processos de enfrentamento e/ou habilidades de resolução de problemas.

Segundo este modelo, o perdão episódico é conceptualizado como uma estratégia de manutenção e/ou reparação do relacionamento após transgressões interpessoais. Assim sendo, é um processo de adaptação que se segue às feridas (Allemand et al., 2007).

Além do referido, em termos do modelo VSA, pode-se entender como eventos stressantes, mágoas como infidelidades, violações da confiança, entre outros. Estes eventos causadores de stress podem efetivamente ser defrontados por processos de enfrentamento adaptativo como é exemplo o perdão episódico. As vulnerabilidades ou fatores de proteção também podem influenciar os processos de enfrentamento, bem como os próprios eventos causadores de stress (Allemand et al., 2007).

De reforçar, a satisfação do relacionamento influencia significativamente a forma como se lida com transgressões interpessoais. No caso de transgressões interpessoais severas, o perdão episódico está, maioritariamente, relacionado com o grau de satisfação com o relacionamento (Allemand et al., 2007).

Por sua vez, o perdão-traço interage com a satisfação com o relacionamento na previsão do perdão episódico; altos níveis de perdão-traço estão, efetivamente, relacionados com probabilidades elevadas de perdão episódico em relacionamentos satisfatórios (Allemand et al., 2007).

4.5 O perdão e a saúde

Seybold Hill, Neumann e Chi (2001) descobriram que, baixos níveis de perdão parecem estar associados a hábitos de saúde mais pobres, como o uso de álcool e cigarros, bem como com menores níveis de hematócrito.

Da mesma forma, Lawler e colaboradores (2003) encontraram substância empírica que demonstra que o perdão circunstancial e o perdão-traço parecem estar associados a comportamentos mais saudáveis e a menos sintomas de doença.

Por outro lado, Kaplan (1992) defendeu a ideia de que o perdão é um antídoto importante para a hostilidade, pois este pode promover a saúde coronária, reduzindo os efeitos físicos adversos da raiva. Da mesma forma, Witvliet, Ludwig e Vander Laan (2001), observaram que, as respostas crónicas e inflexíveis perpetuam a raiva, aumentando a excitação simpática e a reatividade cardiovascular.

Em particular, o estudo de Lawler-Row e colaboradores (2003), indicou que o perdão circunstancial ou episódico, parece estar mais fortemente relacionado com a baixa

reatividade da frequência cardíaca, enquanto que o perdão-traço está mais associado aos níveis mais baixos de pressão arterial, nomeadamente sistólica.

Também Lawler, Younger, Piferi, Jobe, Edmondson e Jones (2005) estudaram a relação existente entre o perdão e a saúde física. Segundo os autores, a relação entre o perdão-traço e os sintomas de doença física parece ser mediada pelo efeito negativo do stresse. Deste modo, o perdão pode incluir uma forte dimensão orientada para os outros, mas que também acarreta benefícios para a saúde própria. Bono e McCullough (2004), acrescentam ainda a ideia de que o perdão também pode servir como um recurso para preservar o bem-estar a nível social e emocional.

Desta forma, é possível inferir que o perdão parece ser um fator psicológico primário que tem um impacto significativo nas respostas fisiológicas e na saúde em geral.

4.5.1 O perdão e o bem-estar psicológico

O bem-estar psicológico e o perdão estão, aparentemente, relacionados (Emmons & McCullough, 2003; Friedman, 1992; Maltby, Day & Barber, 2005; Toussaint & Friedman, 2009; Worthington, Berry, Parrott, Plante & Sherman, 2001).

Segundo Schwarz (1990), a felicidade pode, efetivamente, influenciar o perdão. Segundo o autor, as pessoas felizes parecem perceber o seu ambiente como seguro e não problemático, enquanto que os indivíduos tristes parecem sentir uma constante necessidade de alerta para ameaças incomuns ou problemáticas.

Assim sendo, pessoas que gostam de estados de humor positivos, tendem a permanecer naquela "zona de conforto" e a serem menos motivadas para o pensamento ruminativo (Wegener, Petty & Smith, 1995). Deste modo, a felicidade parece diminuir a sensibilidade ambiental, enquanto a tristeza a aumenta.

Deste modo, pode-se inferir que pessoas felizes tendem a usar um processamento mais fácil, a ser menos sensíveis às circunstâncias e a detetar um ambiente problemático de forma menos aguda, ao contrário das pessoas com tendência à tristeza (Bless, Clore, Schwarz, Golisano & Rabe, 1996; Forgas, Laham & Vargas, 2005; Harris & Thoresen, 2006). Isto é, ao serem menos sensíveis às circunstâncias, tendem a ignorar os danos causados pelos infratores e a ser mais indulgentes com os mesmos (Jiang, Yue, Lu & Yu, 2014).

Por outro lado, Weiner e colaboradores (1991) descobriram que, também a confissão parece estar associada ao perdão, bem como à diminuição dos sentimentos de raiva em relação ao agressor.

Para Brown e Phillips (2005), a tendência para perdoar parece prever sentimentos depressivos mais baixos. Neste seguimento, Brown (2003) descobriu que, em níveis mais baixos de perdão-traço, as atitudes sobre o perdão e a vingança parecem contribuir para o surgimento e manutenção de sintomas depressivos.

Sob outra perspetiva, de acordo com Kathleen e colaboradores (2006), o perdão parece também estar associado à espiritualidade e ao crescimento pessoal. Este traço pode

representar uma relevante oportunidade para o autodesenvolvimento. Segundo os autores, o perdão parece ter dois grandes componentes: um associado à diminuição de pensamentos, sentimentos e ações negativas em relação a um infrator e, o outro, associado ao aumento de sentimentos positivos, como aceitação e compaixão.

Segundo os mesmos autores, o perdão-traço encontra-se relacionado com níveis mais baixos de afeto negativo (particularmente: depressão e ansiedade); um maior significado na vida (nomeadamente: bem-estar existencial e propósito na vida); melhores relacionamentos; e, crescimento pessoal, ao nível da auto-aceitação, domínio ambiental e autonomia (Kathleen, et al., 2006).

Capítulo II: Corpo Empírico

5 Apresentação do estudo

5.2 Objetivos e tipologia

Na revisão da literatura anteriormente realizada, abordaram-se as principais dimensões teóricas sobre a alta sensibilidade de processamento sensorial, o funcionamento sexual e o perdão-traço. Para tal, recorreu-se aos estudos efetuados nestes domínios.

Contudo, não existem estudos realizados com as características da presente investigação, dificultando ou mesmo impossibilitando, o processo de comparação de resultados.

O estudo é de carácter essencialmente descritivo transversal (feito num único momento temporal, onde não houve segmento posterior para investigar desfecho e onde os dados foram coletados num mesmo momento. Este estudo apenas pretendeu descrever como é que se comportam os dados na amostra estudada, apresentando frequências, médias e percentagens); comparativo (uma vez que foram elaborados dois grupos, nomeadamente o G1 composto por indivíduos com níveis baixos de sensibilidade de processamento sensorial (níveis de HSP inferiores a 4, visto ser este o ponto de corte para esta variável) e, o G2, composto por indivíduos com níveis elevados de sensibilidade de processamento sensorial (níveis de HSP superiores a 4). Foi ainda comparada a relação estatística das variáveis em estudo tendo em conta o género. A criação destes grupos de comparação teve como objetivo verificar se estes dois grupos diferem ou não quanto ao funcionamento sexual e ao perdão-traço); correlacional (visto que foi analisada a significância estatística da relação entre as três variáveis em questão, ordinariamente através do uso de coeficientes de correlação. Teve-se em conta que a correlação não significa causalidade, apenas mostra se existe ou não uma relação entre as variáveis); e inferencial (uma vez que nos foi permitido prever as características de uma população a partir da informação contida na amostra).

Como já anteriormente referido, o objetivo primordial desta investigação, foi avaliar a relação existente entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e o funcionamento

sexual tendo em conta o fator mediador do perdão-traço. Para isso, o presente trabalho, iniciou-se com a descrição aprofundada do conceito de alta sensibilidade de processamento sensorial, funcionamento sexual e perdão-traço, entre outros conceitos, a fim de os tornar mais entendíveis e combater as possíveis polissemias.

Como objetivos específicos, identificaram-se:

- Descrever características sociodemográficas, nomeadamente: o género, a idade, o estado civil, a residência, os níveis de escolaridade, a situação profissional, o nível socioeconómico e a orientação sexual;
- Comparar diferenças estatísticas nos níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial mediante o género;
- Comparar diferenças estatísticas nos níveis de funcionamento sexual mediante o género;
- Comparar diferenças estatísticas nos níveis de perdão-traço mediante o género;
- Determinar o grau de associação entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e o funcionamento sexual;
- Determinar o grau de associação entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e o perdão-traço;
- Determinar o grau de associação entre o perdão-traço e o funcionamento sexual.

5.2 Método

As opções metodológicas da investigação decorreram, naturalmente, dos objetivos da investigação. Deste modo, o presente estudo tem um carácter quantitativo por medir e diferenciar variáveis, através de escalas de medida.

Testar teorias pré-existentes ou perspectivas de psicoterapia não foi o pretendido. A investigação visou sim, aprofundar o conhecimento sobre o a alta sensibilidade de processamento sensorial e a sua relação com o funcionamento sexual tendo em conta o fator mediador do perdão-traço.

Tendo por base um delineamento correlacional, a recolha de dados, para este estudo, decorreu entre outubro de 2017 a janeiro de 2018, através de uma plataforma on-line, não existindo qualquer manipulação de variáveis.

Para esta investigação foram utilizados os seguintes instrumentos: um Questionário Sociodemográfico; a Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial - Highly Sensitive Person Scale (HSPS- Aron, 2001., traduzido para a pop. portuguesa por Pereira et. al, 2017), o Questionário de Funcionamento Sexual (MGH-SFQ - Labbate & Lare, 2001; Pereira, 2017) e o Questionário de Perdão-traço (TFS - Berry, Worthington, O'Connor, Parrott & Wade, 2005).

Os convites à participação para este estudo foram efetuados de forma on-line, via e-mail e/ou redes sociais.

Foram respeitadas todas as questões éticas, nomeadamente a garantia da confidencialidade e o consentimento informado.

5.2.1 Participantes

Neste estudo, os participantes foram selecionados através de amostragem por conveniência, uma vez que, foram selecionados membros da população mais acessíveis. Considerou-se como critério de inclusão ter idade igual ou superior a 18 anos de idade, caso contrário, os inquiridos não eram admitidos para análise.

As características da amostra encontram-se apresentadas nas seguintes tabelas.

A tabela 1, relativa à caracterização sociodemográfica da amostra segundo o género, mostra que esta é constituída por 1063 indivíduos ($n=1063$), sendo 368 do género masculino (H) (35.0%) e 695 do género feminino (F) (65.0%).

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo o género

	N	%
H	368	35.0
F	695	65.0
Total	1063	100.0

Por seu turno, e como ilustra a tabela 2, a amostra é composta por idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos ($M= 29.27$; $DP= 12.31$).

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a idade

M	DP	Mínimo	Máximo
29.27	12.31	18	80

Da análise da tabela 3, destaca-se que, no que diz respeito ao estado civil, 217 indivíduos pertencentes à amostra são “casados/as” (20.4%), 470 são “solteiros/as” (44.2%), 35 são “divorciados/as ou estão separados/as” (3.3%), 5 são “viúvos/as” (0.5%), 45 estão “em união de facto” (4.2%) e, 291 têm um “namoro/compromisso afetivo” (27.4%).

Tabela 3 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo o estado civil

	N	%
Casado/a	217	20.4
Solteiro/a	470	44.2
Divorciado/a ou separado/a	35	3.3
Viúvo/a	5	0.5
União de facto	45	4.2
Namoro/compromisso afetivo	291	27.4
Total	1063	100

No que à residência diz respeito, a tabela 4 indica-nos que 264 indivíduos pertencentes à amostra vivem numa “pequena cidade” (24.8%), 507 vivem numa “grande cidade” (46.7%), 189 vivem num “pequeno meio rural” (17.8%) e, 103 vivem num “grande meio rural” (10.7%).

Tabela 4 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a residência

	N	%
Uma pequena cidade	264	24.8
Uma grande cidade	507	46.7
Um pequeno meio rural	189	17.8
Um grande meio rural	103	10.7
Total	1063	100

Relativamente à escolaridade, como se pode observar através da análise da tabela 5, 63 indivíduos pertencentes à amostra declararam ter “até 9 anos de escolaridade” (5.9%), 346 afirmaram ter “até 12 anos de escolaridade” (32.5%), 496 indivíduos declararam ter “formação universitária (licenciatura/bacharelato)” (46.7%) e 158 afirmaram ter “formação universitária (mestrado/doutoramento)” (14.9%).

Tabela 5 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo os níveis de escolaridade

	N	%
Até 9 anos de escolaridade	63	5.9
Até 12 anos de escolaridade	346	32.5
Formação universitária (licenciatura/bacharelato)	496	46.7
Formação universitária (mestrado/doutoramento)	158	14.9
Total	1063	100

Quanto à situação profissional, a tabela 6 mostra-nos que 64 indivíduos pertencentes à amostra estão “desempregados/as” (6.0%), 469 são “estudantes” (44.2%), 55 são “trabalhador/a-estudantes” (5.2%), 402 são “trabalhadores/as por conta de outrem” (37.8%), 53 são “trabalhadores/as por conta própria” (5.0%) e, 20 indivíduos encontram-se “reformados/as” (1.8%).

Tabela 6 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a situação profissional

	N	%
Desempregado/a	64	6.0
Estudante	469	44.2
Trabalhador/a-estudante	55	5.2
Trabalhador/a por conta de outrem	402	37.8
Trabalhador/a por conta própria	53	5.0
Reformado/a	20	1.8
Total	1063	100

Conforme se apresenta na tabela 7, relativamente ao nível socioeconómico, 79 indivíduos pertencentes à amostra possuem um nível “baixo” (7.4%), 297 um nível “baixo-médio” (28.0%), 595 um nível “médio” (56.0%), 83 um nível “médio-alto” (7.8%) e, 9 um nível “alto” (0.8%).

Tabela 7 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo o nível socioeconómico

	N	%
Baixo	79	7.4
Baixo-médio	297	28.0
Médio	595	56.0
Médio-alto	83	7.8
Alto	9	0.8
Total	1063	100

Por fim, relativamente à orientação sexual, a tabela 8 apresenta-nos os seguintes resultados: 922 indivíduos pertencentes à amostra declararam-se “heterossexuais” (86.7%), 63 “bissexuais” (5.9%), 73 “gay ou lésbica” (6.9%) e, 5 indivíduos declararam-se “assexual” (0.5%).

Tabela 8 - Caracterização sociodemográfica da amostra, segundo a orientação sexual

	N	%
Heterossexual	922	86.7
Bissexual	63	5.9
Gay ou Lésbica	73	6.9
Assexual	5	0.5
Total	1063	100

5.3 Instrumentos

As perguntas foram concebidas com o objetivo de se caracterizar demográfica e socialmente os participantes, obtendo uma visão pormenorizada sobre os níveis de sensibilidade de processamento sensorial dos mesmos, bem como do funcionamento sexual e do perdão-traço.

Em seguida, descrevem-se cada uma das escalas incluídas no questionário do estudo.

5.3.1 Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi utilizado com o objetivo de caracterizar a amostra quanto ao género, idade, estado civil, residência, níveis de escolaridade, situação profissional, nível socioeconómico e orientação sexual.

Este instrumento de autorrelato é então constituído por 8 itens de tipo Likert que permitiram obter informações relativas a dados pessoais dos participantes.

5.3.2 Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial - (HSPS)

Para a avaliação dos níveis de sensibilidade de processamento sensorial, utilizou-se a Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial (Highly Sensitive Person Scale - (HSPS), Aron, 2001), versão portuguesa traduzida por Pereira e colaboradores (2017).

A HSPS é um instrumento de autorrelato, que avalia e quantifica os níveis de sensibilidade de processamento sensorial, constituída por 27 itens de tipo Likert com as seguintes opções de resposta: 1="nada"; 2="Muito pouco"; 3="Pouco"; 4="Assim assim"; 5="Um pouco"; 6="Bastante"; e "7 = "completamente".

Os autores que originaram este questionário, encontraram pontuações de consistência interna de $\alpha = .87$ e $\alpha = .85$ (Mullet, Rinn, Jett & Nyikos, 2017). Na presente investigação, foi obtido um alfa de cronbach de $.90$ ($\alpha = .90$), o que garante um nível de consistência interna excelente (Maroco & Marques, 2006). Deste modo, pode-se afirmar que o instrumento é válido e confiável para avaliar a alta sensibilidade de processamento sensorial na população portuguesa.

5.3.3 Questionário de Funcionamento Sexual - (MGH-SFQ)

A fim de se compreender a satisfação com os relacionamentos e o bem-estar geral, é fundamental, entre outras dimensões, avaliar-se o funcionamento sexual. Este último é descrito pela operacionalização de mecanismos sexuais que estão na base da resposta sexual humana (nomeadamente desejo, excitação, orgasmo e resolução) (Frohlich & Meston, 2002; Lucena & Abdo, 2013).

Com o objetivo de se avaliar os níveis de funcionamento sexual dos participantes do estudo, recorreu-se ao Questionário de Funcionamento Sexual (Massachusetts General Hospital - Sexual Functioning Questionnaire - (MGH-SFQ), Labbate & Lare, 2001), versão portuguesa traduzida por Pereira (2017).

O MGH-SFQ tem sido usado como medida fiável do funcionamento sexual em populações normativas, bem como na identificação de disfunções sexuais em populações clínicas dotadas de psicopatologia (Taylor, Rudkin, Bullemor-Day, Ludin, Chukwujekwu & Hawton, 2013; Dording, Mischoulon, Shyu, Alpert & Papakostas, 2012)

Na validação da escala para a população portuguesa, Pereira (2017) encontrou um alfa de cronbach de .91 ($\alpha = .91$) o que indica uma excelente consistência interna. No presente estudo, o alfa de cronbach obtido foi de .92 ($\alpha = .90$), o que garante um nível de consistência interna também excelente. Assim sendo, o instrumento é válido e confiável para avaliar o funcionamento sexual na população portuguesa.

O MGH-SFQ é um instrumento de autorrelato, que avalia o funcionamento sexual, constituído por 5 itens de tipo Likert com opções de resposta que variam de 1="totalmente ausente"; 2 = "marcadamente diminuída"; 3 = "quase normal"; 4 = "normal"; 5 = "algo acima do normal"; 6 = "marcadamente acima do normal"; e 7="completamente acima do normal". Os 5 itens avaliam diversas dimensões do funcionamento sexual, nomeadamente o interesse sexual (MGH1), a excitação (MGH2), a capacidade para atingir o orgasmo (MGH3), a capacidade para atingir e manter uma ereção (no caso dos homens) ou a lubrificação (no caso das mulheres) (MGH4) e a satisfação sexual geral (MGH5) (Pereira, 2017).

5.3.4 Questionário de Perdão-traço - (TFS)

Com o objetivo de avaliar os níveis de perdão-traços dos indivíduos que faziam parte da amostra, recorreu-se ao Questionário de Perdão-traço (Trait Forgivingness Scale - (TFS), Berry, Worthington, O'Connor, Parrott & Wade 2005).

O TFS é um dos instrumentos mais usados para medir o perdão enquanto traço de personalidade (Berry et al. 2005).

Este instrumento é constituído por 10 itens de tipo Likert, de rápida e fácil administração e interpretação, destinados a determinar a autoavaliação dos indivíduos sobre a própria tendência para perdoar transgressões interpessoais.

Para responder aos 10 itens existem as seguintes opções de resposta: 1= "Discordo totalmente"; 2= "Discordo moderadamente"; 3= "Não discordo nem concordo"; 4= "Concordo moderadamente"; e 5= "Concordo totalmente".

Berry e colaboradores (2005) elaboraram a presente versão adaptada deste questionário, através de uma escala de 15 itens utilizada num estudo anterior por Berry e Worthington (2001).

Na investigação sobre o estudo da relação entre o perdão e os traços de personalidade, Berry e Worthington (2001) obtiveram um alfa de cronbach de .80 ($\alpha = .80$). Na presente

investigação, o alfa de cronbach conseguido foi de .72 ($\alpha = .72$), o que garante um bom nível de consistência interna. Deste modo, pode-se afirmar que o instrumento é válido e confiável para avaliar o Perdão-traço na população portuguesa.

5.4 Procedimentos

O processo de recolha de dados, para este estudo, decorreu entre outubro de 2017 a janeiro de 2018, através de uma plataforma on-line. Os convites à participação para este estudo foram efetuados via internet, nomeadamente via e-mail e/ou redes sociais.

Após o consentimento informado, dirigida aos participantes, com informações sobre o estudo, os seus objetivos e os contactos dos investigadores, sublinhando o carácter livre e voluntário da colaboração na investigação e assegurando a confidencialidade e anonimato dos dados a recolher, ter sido aceite, seguia-se o autopreenchimento do questionário de forma individual. Deste modo, foi efetivamente assumido o comprometimento relativo à salvaguarda e proteção dos princípios éticos fundamentais para o Ser Humano, o direito à autodeterminação, intimidade, anonimato e confidencialidade, proteção contra o desconforto e o prejuízo. De modo a manter-se a confidencialidade do questionário, o nome dos participantes não constava nos inquéritos.

O preenchimento do questionário foi realizado via internet, de modo a assegurar a privacidade e condições físicas adequadas aos participantes, bem como uma distribuição em maior escala, de forma rápida e pouco dispendiosa. Deste modo, o preenchimento do questionário não foi alvo de supervisionamento, não se tendo efetuado uma verificação in loco de não respostas por parte das participantes. Esta verificação e consequente exclusão de questionários por preenchimento insuficiente e/ou inadequado, foi efetuada à posteriori.

Não foi imposta nenhuma limitação no tempo para o preenchimento dos questionários. No entanto, constatou-se que o preenchimento de cada questionário demorou cerca de 3 a 4 minutos.

Como já referido anteriormente, para a análise de dados foi utilizado o software informático de estatística - Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), na versão 25.0 (IBM, Chicago, IL).

5.5 Metodologia Estatística

Devido ao carácter descritivo do presente estudo, não foram realizados cálculos formais para a definição da dimensão da amostra. Em vez disso, assumiu-se a inclusão de todos os participantes que aceitassem participar no estudo, durante um período de recrutamento de 4 meses.

Todas as variáveis recolhidas foram sumariadas através de estatísticas descritivas nomeadamente:

- Variáveis numéricas (quantitativas) - média (M), mediana, desvio padrão (DP), mínimo e máximo;

- Variáveis categóricas (qualitativas) - frequência absoluta (n) e frequência relativa (%).

Tal como anteriormente mencionado, no decorrer do estudo, para além do género, foram elaborados dois grupos de comparação, nomeadamente o G1= indivíduos com baixos níveis de HSP e o G2= indivíduos com altos níveis de HSP.

Para a comparação de variáveis utilizou-se o teste paramétrico T-student. As análises das comparações entre os grupos foram conduzidas na presença de um valor $p < .05$, ao intervalo de confiança de 95% (valor usualmente aceite para inferência estatística).

Por outro lado, recorreu-se à Correlação de Pearson a fim de estudar as correlações existentes entre as três variáveis em estudo (alta sensibilidade de processamento sensorial (HSP), funcionamento sexual (MGH) e perdão-traço (PT)).

As conclusões sobre os valores p , exibidos na secção dos resultados, deverão ser enunciadas de forma descritiva, uma vez que é essa a natureza do estudo.

6 Resultados

Como é ilustrado na tabela 9, para a variável alta sensibilidade de processamento sensorial (HSP), a média de respostas dadas pelos sujeitos pertencentes à amostra é de 4.47 ($M= 4.47$; $DP= .88$), o que constitui uma pontuação ligeiramente superior à que seria teoricamente esperada, uma vez que o ponto de corte é 4.

Em contrapartida, a variável Funcionamento sexual (MGH) exhibe uma média de respostas dadas de 3.51 ($M=3.51$; $DP= .95$), o que representa uma pontuação ligeiramente inferior à que seria teoricamente esperada, uma vez que o ponto de corte é 4

Relativamente à variável Perdão-traço (PT), a média de respostas dadas pelos participantes é de 3.40 ($M=3.40$; $DP= .65$). Esta pontuação é ligeiramente superior à que seria teoricamente esperada uma vez que o ponto de corte é 3.

Tabela 9 - Resultados gerais para HSP, MGH e PT

	M	DP	Mínimo	Máximo
HSP	4.47	.88	1	6.63
MGH	3.51	.95	1	6
PT	3.40	.65	1	6

Tal como demonstrado na tabela 10, a variável alta sensibilidade de processamento sensorial (HSP) e a variável Perdão-traço (PT) apresentaram uma correlação estatisticamente significativa ($p= .017$). Segundo estes resultados, pode-se ainda afirmar a existência de uma correlação negativa muito fraca entre estas variáveis ($r = -.07$).

Relativamente à relação entre a variável alta sensibilidade de processamento sensorial (HSP) e a variável Funcionamento Sexual (MGH), também aqui os resultados apresentaram

uma correlação estatisticamente significativa ($p = .003$). Os resultados indicam ainda, a existência de uma correlação negativa muito fraca entre estas variáveis ($r = -.09$).

Por fim, quanto à relação entre a variável Funcionamento Sexual (MGH) e a variável Perdão-traço (PT), a tabela 10 apresenta uma correlação estatisticamente significativa ($p = .001$) entre as variáveis. Existe ainda a evidência de uma correlação positiva fraca entre estas variáveis ($r = .10$).

Tabela 10 - Correlação entre variáveis

	r	Sig.	N
HSP e PT	-.073	.017*	1054
HSP e MGH	-.093	.003*	1055
MGH e PT	.102	.001*	1052

* Valores significativos $p < .05$

Por outro lado, foi também efetuada a análise da relação da variável alta sensibilidade de processamento sensorial (HSP) com a variável sociodemográfica género.

A fim de se comparar os níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial em função do género, foi utilizado o teste t de Student.

Tal como a tabela 11 apresenta, ao analisar as médias obtidas no HSP em função do género, verifica-se que o género feminino alcançou resultados superiores ($M = 4.64$, $DP = .81$), quando comparado com o género masculino ($M = 4.13$, $DP = .89$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p = .000$). No que à correlação existente entre o Funcionamento Sexual (MGH) e a variável género diz respeito, verifica-se que foi o género masculino quem alcançou resultados superiores ($M = 3.79$, $DP = .83$), quando comparado com o género feminino ($M = 3.37$, $DP = .99$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p = .000$).

Por fim, quanto à relação entre a variável Perdão-traço (PT) e a variável sociodemográfica género, a tabela 11 indica que foi o género feminino alcançou resultados superiores ($M = 3.43$, $DP = .65$) comparativamente com o género masculino ($M = 3.36$, $DP = .65$). Porém, não se verificou diferenças estatisticamente significativas ($p = .550$).

Tabela 11 - Estatística descritiva entre a variável HSP e a variável género

		N	M	DP	t(df)	p
HSP	Masculino	364	4.13	.89	- 9.28(1052)	.000**
	Feminino	690	4.64	.81		
MGH	Masculino	361	3.79	.83	3.57(1053)	.000**
	Feminino	686	3.37	.99		
PT	Masculino	359	3.36	.65	2.23(1052)	.550
	Feminino	687	3.43	.65		

** Valores altamente significativos $p < .001$

Analisando as médias representadas na tabela 12, o G1 obteve níveis de Funcionamento Sexual (MGH) mais elevados ($M=3.62$; $DP=.89$), quando comparados com os indivíduos do G2 ($M=3.41$; $DP=1.01$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.000$).

No que diz respeito à variável Perdão-traço (PT), a média de respostas dadas pelo G1 é superior ($M=3.44$; $DP=.65$), comparativamente ao G2 ($M=3.35$; $DP=.65$). Porém, não se verificou diferenças estatisticamente significativas ($p=.450$).

Tabela 12 - Estatística descritiva entre as variáveis e os grupos de comparação (G1 e G2)

		N	M	DP	t(df)	p
MGH	G1	536	3.62	.89	6.95(1045)	.000**
	G2	519	3.41	1.01		
PT	G1	534	3.44	.65	- 1.70(1044)	.450
	G2	520	3.35	.65		

** Valores altamente significativos $p < .001$

Por outro lado, analisando as médias apresentadas pela tabela 13, relativamente à variável interesse sexual (MGH1), o G1 obteve valores superiores ($M=3.63$; $DP=.99$), quando comparados com os indivíduos do G2 ($M=3.43$; $DP=1.13$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.000$).

Quanto à variável excitação (MGH2), também o G1 obteve valores mais elevados ($M=3.57$; $DP=.97$), quando comparados com os indivíduos do G2 ($M=3.40$; $DP=1.11$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.000$).

Em relação à variável capacidade para atingir o orgasmo (MGH3), o G1 obteve, igualmente, valores mais elevados ($M=3.58$; $DP=.99$), comparativamente aos indivíduos do G2 ($M=3.31$; $DP=1.18$), verificando-se também, diferenças estatisticamente significativas ($p=.000$).

No que à variável capacidade para atingir e manter uma ereção ou a lubrificação (MHG4) diz respeito, o G1 obteve valores superiores ($M=3.64$; $DP=.98$), quando comparados com os indivíduos do G2 ($M=3.40$; $DP=1.16$), obtendo-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.000$).

Por fim, no que concerne à variável satisfação sexual geral (MGH5), o G1 obteve, igualmente, valores superiores ($M=3.69$; $DP=1.11$), comparativamente aos indivíduos do G2 ($M=3.52$; $DP=1.24$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.000$).

Tabela 13 - Estatística descritiva entre as cinco variáveis constituintes da variável MGH e os grupos de comparação relativos à variável HSP (G1 e G2)

	Grupos	N	M	DP	t(df)	p
MGH1	G1	535	3.63	.99	3.12(1052)	.000**
	G2	519	3.43	1.12		
MGH2	G1	536	3.57	.97	2.70(1052)	.000**
	G2	518	3.40	1.11		
MGH3	G1	534	3.58	.99	3.98(1051)	.000**
	G2	519	3.31	1.18		
MGH4	G1	533	3.64	.99	3.78(1013)	.000**
	G2	518	3.40	1.16		
MGH5	G1	534	3.69	1.11	2.31(1050)	.000**
	G2	518	3.52	1.24		

** Valores altamente significativos $p < .001$

7 Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo analisar a relação existente entre a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e o Funcionamento Sexual tendo em conta o fator mediador do Perdão-traço, numa amostra constituída por indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos de idade. Analisando os resultados obtidos nos instrumentos aplicados, estudou-se ainda a relação existente entre o Funcionamento Sexual e o Perdão-traço.

Optou-se, neste capítulo, por comentar apenas os resultados mais determinantes, bem como, aqueles que parecem trazer implicações teóricas ou práticas mais relevantes. Como referido anteriormente, não foi encontrada qualquer investigação prévia nesta linha, o que impossibilitou o processo de comparação de resultados, deste modo, o presente estudo, constitui-se como um estudo pioneiro nesta área de investigação.

Começando pela análise da relação desta variável (HSP), com a variável sociodemográfica género, foi o género feminino que apresentou níveis superiores de HSP, exibindo diferenças estatisticamente significativas. Deste modo, é possível inferir que, são as mulheres quem parecem ser mais sensíveis ao processamento sensorial, e, por conseguinte, mais responsivas a estímulos ambientais e sociais. Ao serem mais sensíveis aos seus ambientes, as mulheres, estão assim, mais conscientes das suas oportunidades e ameaças quando comparadas com os homens. Por conseguinte, parecem estar mais prontas a responder a situações emergentes (Wolf et al., 2008).

Desta forma, são as mulheres quem parecem ter maior capacidade de processar informação e reagir intensamente aos estímulos sensoriais experienciados, bem como processar estímulos de forma mais elaborada (Jagiellowicz, 2012).

Uma vez que, segundo Aron (1996), as pessoas altamente sensíveis relacionam, de uma forma mais intensa, as experiências passadas com o presente e com o futuro ("sexto sentido"),

pode-se então inferir que, são as mulheres quem parecem ser mais cautelosas, sábias, conscientes, intuitivas e visionárias, quando comparadas com os homens.

De acordo com a fundamentação teórica recolhida, os seres altamente sensíveis, parecem apresentar fortes reações emocionais negativas perante experiências stressantes (Evers et al., 2008). Deste modo, as mulheres, ao parecerem ser mais sensíveis ao processamento sensorial, estão, provavelmente, em maior risco de burnout e/ou depressão, quando comparadas com os homens. Neste sentido, torna-se fundamental um estudo mais profundo e detalhado sobre a relação entre estes construtos, numa forma de, futuramente, ser possível desenhar estratégias de prevenção da depressão/burnout mais eficazes.

Contudo, é de salientar que, o facto da amostra do presente estudo ser constituída maioritariamente por mais mulheres pode, efetivamente, ter influenciado estes resultados, que não corroboram com o que é defendido por Aron (2008). Segundo a autora, não há diferenças significativas entre homens e mulheres no que à alta sensibilidade de processamento sensorial diz respeito, isto é, a alta sensibilidade não prevalece em nenhum género.

Também o facto da cultura portuguesa ser muito importunada por estereótipos de género, que alimentam as expectativas do que “é ou não é ser mulher”, pode estar na base de um possível enviesamento das respostas, em direção à desejabilidade social. Há no estereótipo feminino uma forte ligação à expressão dos sentimentos, através de traços como “meiguice”, “sensibilidade” ou “sentimentalismo”. No caso dos homens, estereótipicamente, essas características não se observam (Amâncio, 1993).

À medida que nos vamos desenvolvendo, os ditames do género, inerente à cultura onde estamos inseridos, parecem orientar os nossos comportamentos, de acordo com essas leis impostas socialmente, de forma a ir ao encontro dos respectivos códigos normativos masculinos e femininos (silva 2008). Assim sendo, os estereótipos podem ter tido alguma influência nos resultados obtidos, uma vez que, parecem inspirar o comportamento dos indivíduos (Amâncio, 1992).

Quanto ao Funcionamento Sexual (MGH), analisando a sua relação com a variável sociodemográfica género, é o género masculino que apresenta níveis superiores de MGH, exibindo diferenças estatisticamente significativas. Estes resultados remetem para a predição de melhores níveis de funcionamento sexual nos homens, do que nas mulheres. Deste modo, o género masculino parece ter menos problemas em concretizar uma relação sexual; gozar de maiores níveis de desejo sexual; ter e manter mais facilmente a excitação sexual e respostas à mesma; deter de uma maior capacidade de obter o orgasmo; e, sentir menos dor aquando a atividade sexual (Faubion & Rullo, 2015).

Os estudos de Dove e Wiederman (2000), apresentam uma possível explicação para este desfecho, uma vez que defendem a ideia de que as mulheres, ao possuírem maiores níveis mais de distração cognitiva no desenrolar da atividade sexual (foco de atenção na aparência corporal ou no desempenho sexual) parecem assim, apresentar níveis mais baixos de

satisfação e de autoestima sexual, menos ocorrência de orgasmos, bem como, uma maior probabilidade de fingir o orgasmo.

Deste modo, o facto de as mulheres pontuarem níveis mais elevados de alta sensibilidade de processamento sensorial, parece predispor-las a processar a informação de uma forma profunda e detalhada que, conseqüentemente, desvia o foco atencional dos aspetos sensoriais e recompensadores da experiência sexual (Barlow, 1986), acarretando, níveis de funcionamento sexual inferiores aos dos homens. Os estudos de Tellegen e Atkinson (1974) certificam esta conclusão, pois, segundo os autores, em indivíduos altamente sensíveis de processamento sensorial, existe uma tendência para se absorver/perder em estímulos distratores (Jonsson et al., 2014). Esta distração, provavelmente, leva à diminuição da atenção sobre os estímulos sexuais que, por conseguinte, leva à diminuição dos níveis de funcionamento sexual. Parece desta forma, haver uma certa circularidade neste processo. Também Geer e Fuhr (1976), bem como Brotto e colaboradores (2016), corroboram com estas conclusões, ao afirmarem que, a distração cognitiva compromete significativamente a atenção para os estímulos de conteúdo erótico, reduzindo, desta forma, a resposta sexual.

Um possível feedback negativo, durante uma experiência sexual é, provavelmente, para as mulheres, um foco de sucção atencional capaz de provocar reações emocionais e processamentos cognitivos de tal modo profundos, que anulam o envolvimento necessário para um bom funcionamento sexual.

Recorrendo a uma visão mais sociobiológica, existe uma ideia preconcebida de que, aos homens estão inerentes características associadas a uma maior atividade e agressividade, bem como, o facto de serem induzidos a dissociar o impulso sexual e a emoção; às mulheres, estão relacionadas características de passividade, orientação para a procriação e cuidado da casa, bem como, o facto de serem induzidas a associar a actividade sexual à intimidade emocional (Silva 2008). Esta posição ideológica pode, efetivamente, estar na base de uma interação sexual, entre os casais, mais mecanizada. Partindo do pressuposto de que as mulheres parecem ser altamente sensíveis, elas aparentam estar predispostas a encarar as relações íntimas como uma fonte de estímulos emocionais fortes, capazes de acarretar uma dimensão profunda de significado. Se a interação sexual, é “robotizada”, não envolvendo estímulos sensoriais e emocionais intensos e profundos, como espectável para as mulheres, estas parecem sair das suas experiências sexuais desiludidas, menos satisfeitas e, por conseguinte, com níveis inferiores de funcionamento sexual. Se os indivíduos altamente sensíveis relacionam, de uma forma mais intensa, as experiências passadas com o presente e com o futuro (Aron, 1996), então, possivelmente, elas percebem a relação sexual como um sendo um *stressor* digno de ser evitado.

Por outro lado, os resultados obtidos, na presente investigação, também corroboram com os estudos de Chan e colaboradores (2011), uma vez que estes indicam que, ao longo do tempo, indivíduos altamente sensíveis vão sendo fortemente afetados pela redução de comportamento sexual. Assim sendo, provavelmente, existe de facto uma correlação negativa

entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e o funcionamento sexual. Isto é, à medida que os níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial aumentam, parecem diminuir também os níveis de funcionamento sexual, nos indivíduos.

Este facto pode, também, ser compreendido ao analisar as médias obtidas relativamente às 5 sub-dimensões do funcionamento sexual (MGH1, MGH2, MGH3, MGH4 e MGH5). Em todas as diferentes sub-variáveis de MGH, quem apresentou médias mais elevadas foram os indivíduos com níveis mais baixos de alta sensibilidade de processamento sensorial (G1), exibindo diferenças estatisticamente significativas.

Recorrendo aos estudos de Aron (1996) e, como já referido anteriormente, os indivíduos altamente sensíveis de processamento sensorial, processam a informação de uma forma extraordinariamente detalhada. Durante a atividade sexual, esse processamento profundo e detalhado, deverá ocorrer de igual forma. O indivíduo ao adotar uma postura de espectador de si próprio (*spectatoring*), ao focar a sua atenção nas potenciais consequências ameaçadoras do fracasso sexual e no medo de falhar (Barlow, 1986), provavelmente, faz com que os níveis de interesse na atividade sexual, excitação, capacidade para atingir o orgasmo, capacidade para atingir e manter uma ereção/lubrificação, bem como a satisfação sexual em geral, diminuam.

De salientar ainda, o facto de indivíduos altamente sensíveis serem mais sensíveis à dor (Jawer, 2005), bem como, a qualquer outro problema físico ou psicológico (Neal, et al., 2002), pode, efetivamente, dificultar o envolvimento pleno nas sensações corporais, se a isso estiverem associados processos dolorosos, como por exemplo na penetração. Neste sentido, existe uma necessidade de exploração empírica futura, que procure dar respostas a estas questões.

As conclusões apresentadas, são suportadas pelos resultados da investigação relativamente à correlação negativa existente entre a variável HSP e a variável MGH. É, assim, possível inferir que, quanto mais altos são os níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial no indivíduo, menores parecem ser os níveis de funcionamento sexual.

Relativamente ao Perdão-traço (PT), a relação desta variável com a variável sociodemográfica género, diz-nos que é o género feminino que apresenta níveis superiores de PT. Também os estudos de Berry e colaboradores (2001) e Lawler e colaboradores (2003), apontam para a ideia de que são as mulheres quem apresentam maiores níveis de perdão, quando comparadas com os homens. Porém, os resultados da presente investigação, não exibiram diferenças estatisticamente significativas. Assim sendo, não é possível inferir que são as mulheres quem parecem ter uma maior tendência para perdoar transgressões ao longo do tempo e, em diversas circunstâncias interpessoais.

O facto das mulheres não apresentarem diferenças estatisticamente significativas em relação aos homens, pode ser explicado pelo facto destas parecerem ser, mais sensíveis de processamento sensorial que os homens e, por conseguinte, o processamento mais profundo

da informação, típico destes indivíduos, conduz à tendência para ruminar sobre as naturezas das transgressões, as suas consequências (para si e/ou para o relacionamento) e, sobre as atribuições à cerca das motivações do transgressor (Berry et al., 2001; Fincham, 2000; McCullough, Bellah, Kilpatrick, & Johnson, 2001). Esta tendência para ruminar, está associada à falta de perdão, envolvendo, muitas vezes, afetos como ressentimento, amargura, hostilidade, ódio, raiva residual, medo e depressão (Worthington & Wade, 1999).

Por outro lado, o facto de terem sido as mulheres a pontuarem níveis mais elevados tanto no HSP como no PT, pode estar a ser influenciado por factores mediadores. Deste modo, torna-se necessário mais investigações futuras nesta área de estudo, a fim de perceber que fator mediador está a influenciar a presença, nas mulheres, de características associadas ao Perdão-traço (amabilidade, empatia, entre outras) (McCullough, Worthington & Rachal, 1997), mas também, associadas à alta sensibilidade de processamento sensorial. Para Aron (2008), uma das características mais proeminentes do HSP é a tendência de querer ajudar os outros e fazer o bem. Deste modo, esta característica pró-social típica do HSP, parece ser compatível com a amabilidade e empatia características do PT, assim, talvez haja uma característica mediadora, que possa explicar porque é que as mulheres parecem pontuar mais na alta sensibilidade de processamento sensorial, mas também, no perdão-traço (ainda que estatisticamente não significativo), quando comparadas com os homens. Isto é, se as mulheres processam a informação detalhadamente e de forma profunda, ruminando, muitas vezes, sobre as transgressões, tem de existir algum(s) factor(s) que anule/bloqueie este processo, de forma a, possibilitar o perdão. Neste sentido, é necessária mais investigação nesta área, nomeadamente estudo de natureza quantitativa, com o objectivo de avaliar estas associações e, responder às perguntas que ficaram em aberto.

Estas conclusões são suportadas pelos resultados da investigação relativamente à correlação negativa existente entre HSP e PT. É assim possível inferir que, quanto mais altos os níveis de alta sensibilidade de processamento sensorial no indivíduo, menores parecem ser os níveis de perdão-traço. Também nesta dimensão, se observam necessidades de explorações empíricas futuras, a fim de se desenvolver mais conhecimento sobre as relações entre estes dois construtos estudados, de forma a, perceber que variáveis adicionais específicas podem aqui também estar a mediar esta correlação negativa.

Por fim, quanto à relação entre a variável Funcionamento Sexual (MGH) e a variável Perdão-traço (PT), foi verificada uma correlação positiva e estatisticamente significativa, o que indica que, quanto mais altos são os níveis de funcionamento sexual no indivíduo, maiores também parecem ser os níveis de perdão-traço.

Este resultado parece ir ao encontro com os resultados de um estudo desenvolvido por Braithwaite e colaboradores (2016) onde demonstraram que a satisfação do relacionamento parece supôr uma maior probabilidade de perdão. Também Allemand e colaboradores (2007), corroboram com a presente conclusão, uma vez que indicaram que aqueles que têm altos níveis de perdão-traço e estão satisfeitos com o seu relacionamento romântico, parecem

mostrar maiores níveis de perdão. Para Fincham e Beach (2002), o perdão parece estar positivamente relacionado com a comunicação construtiva no relacionamento. Deste modo, se existe um aprimoramento comunicacional ao nível da relação interpessoal, existe uma maior probabilidade de entendimento sexual e, conseqüentemente, de funcionamento sexual entre o casal. Os estudos de Karremans e Van Lange (2004) coincidem, igualmente, com as presentes conclusões, uma vez que, para os autores, o perdão está associado a um maior empenho e sacrifício para o benefício de um parceiro romântico, bem como a reduções na raiva, tristeza, ansiedade e depressão (Coyle & Enright, 1997; Freedman & Enright, 1996).

O facto dos indivíduos com altos níveis de perdão-traço parecerem possuir bons níveis de funcionamento sexual, pode dever-se ao facto de indivíduos com altos níveis de PT parecerem ter baixos níveis de sensibilidade de processamento sensorial, o faz com que estes, não mergulhem em pensamentos profundos e ruminativos, não desviando assim o foco atencional dos aspetos sensoriais e recompensadores da experiência sexual, gozando das sensações, numa maior plenitude.

8 Conclusão

É um facto que a palavra “sensibilidade” está comumente relacionada com a ideia de fragilidade. Contudo, esta é uma conceção errônea do que é a alta sensibilidade de processamento sensorial. Esta apenas se constitui- como uma predisposição biológica para processar, de forma intensiva e profunda, as informações provenientes de estímulos internos e externos, não tendo uma relação automática com a questão da resistência emocional.

Quanto às limitações, o presente estudo evidenciou algumas, como sendo, o facto de ter sido feito via online, onde as medidas a ser estudadas podem ter estado sujeitas a deseabilidade social. Também o facto de o estudo ter sido realizado online acarretou uma outra limitação, associada ao facto de apenas ser respondido por quem se voluntariou para tal. Por outro lado, também o facto de não haver qualquer estudo prévio que possibilite a comparação dos resultados, se constituiu uma limitação do presente estudo.

Uma das principais conclusões que se pode retirar do presente estudo, prende-se com o facto de, a alta sensibilidade de processamento sensorial ser uma característica inata e presente em muitos indivíduos, particularmente do género feminino. Esta característica, de origem biológica, acarreta níveis elevados de consciencialização das subtilizas, isto é, o cérebro processa informações e reflete sobre elas mais profundamente. Este processo leva, conseqüentemente, a estados de opressão e exaustão psicológica de tal forma exacerbada, que conduzem ao isolamento. Esta forma de fugir à sobrecarga de informação pode, erroneamente, rotular estes indivíduos como seres introvertidos, contudo, esta equivocada timidez é apenas uma estratégia e não uma característica.

De notar que, segundo os resultados obtidos, a alta sensibilidade de processamento sensorial, pode influenciar negativamente tanto o funcionamento sexual como o perdão-

traço. Desta forma, é essencial uma maior atenção empírica nesta linha científica, uma vez que se trata de dimensões relevantes para o bem-estar individual e social.

No que concerne ao funcionamento sexual, o presente estudo evidenciou que, são os homens quem melhor parece pontuar neste domínio. Assim, numa investigação futura, será necessário perceber quais as razões biopsicossociais que, parecem predispor as mulheres, a possuírem níveis mais elevados de distração cognitiva, níveis mais baixos de satisfação sexual e de autoestima sexual, menos ocorrência de orgasmos e uma maior probabilidade de fingir o orgasmo. Todas estas características influenciam negativamente o funcionamento sexual feminino.

O facto de o indivíduo adotar uma postura de espectador de si próprio (spectatoring), focar a sua atenção no medo de falhar e, possuir níveis baixos de auto-estima, levam à distração cognitiva que, por sua vez, conduz à disfunção sexual. Deste modo, de forma a potenciar o funcionamento sexual dos indivíduos, a auto-estima, a atenção seletiva e a autoconfiança, são áreas a trabalhar em projetos e investigações futuras.

Neste estudo, ao perceber-se que auto-esquemas sexuais negativos, acarretam menos interesse pela atividade sexual, menos pensamentos sexuais e menos excitação, torna-se indispensável, em investigações futuras, estudar-se estratégias de avaliação e intervenção psicológica nestes mesmos esquemas, de forma a melhorar os níveis de funcionamento sexual dos indivíduos.

Por outro lado, uma outra conclusão a retirar do presente estudo, deve-se ao facto do perdão poder facilitar a harmonia social ao aliviar a intensidade das relações intergrupais. Em termos de casais românticos, comprovou-se que maiores níveis de perdão-traço parecem prever melhores níveis de funcionamento sexual. Assim, se o perdão tem um impacto positivo na saúde em geral, as investigações futuras deverão voltar-se para o estudo dos mecanismos facilitadores da redução da raiva (como é o caso da empatia ou das habilidades sociais), a fim de aumentar e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos.

Não obstante, como analisado pela pesquisa teórico, o controlo da ruminação também pode influenciar a presença ou ausência de perdão. Assim sendo, a ruminação pode ser entendida como um processo mental possível de ser trabalhado não só para frustrar o desenvolvimento de atitudes hostis, mas também, para restabelecer ou manter atitudes positivas e até amorosas em relação aos transgressores.

Em jeito de conclusão, alude-se à importância de um aumento de investigações nesta área, bem como ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação psicológica e de estratégias de intervenção psicológica, baseada em evidência científica, sobre as diferentes variáveis em estudo, de forma a melhorar a qualidade de vida em geral dos indivíduos.

9 Referências Bibliográficas

Abrahamson, D. J., Barlow, D. H., & Abrahamson, L. S. (1989). Differential effects of performance demand and distraction on sexually functional and dysfunctional males. *Journal of Abnormal Psychology*. 98, 241-247.

Abrahamson, D. J., Barlow, D. H., Sakheim, D. K., Beck, J. G. & Athanasiou, R. (1985). Effects of distraction on sexual responding in functional and dysfunctional men. *Behav. Ther.* 16: 503-515.

Acevedo, P. B., Aron, N. E., Aron, A., Sangster, D. M., Collins, N. & Brown, L. L. (2014). The highly sensitive brain: an fMRI study of sensory processing sensitivity and response to others' emoticons. *Brain and Behavior published by Wiley Periodicals, Inc.* doi: 10.1002/brb3.242

Adams, A. E. III, Haynes, S. N. & Brayner, M. A. (1985). Cognitive distraction in female sexual arousal. *Psychophysiology*. 22: 689-696.

Ahadi, B. & Basharpour, S. (2010). Relationship between sensory processing sensitivity, personality dimensions and mental health. *Journal of Applied Sciences*. 10, 570-574

Allemand, M., Amberg, I., Zimprich, D. A. & Fincham, D. F. (2007) The role of trait forgiveness and relationship satisfaction in episodic forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology*, Vol. 26, No. 2, 199-217.

Amâncio, L. (1992). As Assimetrias nas Representações do Gênero. *Revista Crítica De Ciências Sociais*, n. 34, pp. 9-20

Amâncio, L. (1993). Gênero - Representações e Identidades. *Sociologia - Problemas e Práticas*, n. 14, pp. 127-140

American Psychiatric Association: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (2013). 5ªed. Arlington, VA, American Psychiatric Association.

Andersen, B. L. & Cyranowski, J. M. (1994). Women's sexual self-schema. *Journal of Personality and Social Psychology*. 67(6), 1079-1100.

Andersen, B. L., Cyranowski, J. M. & Espindle, D. (1999). Men's sexual self-schema. *J Pers Soc Psychol*. 76:645-661.

Aron, N. E. (2018). *The Highly Sensitive Person (mensagem de blog)*. Disponível em: <https://hsperson.com/>

Aron, E. N. (2010). *Psychotherapy and the Highly Sensitive Person: Improving Outcomes for That Minority of People Who Are the Majority of Clients*. New York: Taylor & Francis Group.

Aron, N. E. (1996). *The Highly Sensitive Person - How to thrive when overwhelms you*. Carol Publishing Group Edition.

Aron, E. N., & Aron, A. (1997). Sensory-processing sensitivity and its relation to introversion and emotionality. *Journal of Personality and Social Psychology*. 73:345-368.

Aron, E. N., Aron, A., & Jagiellowicz, J. (2012). Sensory processing sensitivity a review in the light of the evolution of biological responsivity. *Personality and Social Psychology Review*.16:262-282.

Ashton, M. C., Paunonen, S. V., Helmes, E., & Jackson, D. N. (1998). Kin altruism, reciprocal altruism, and the Big Five personality factors. *Evolution and Human Behavior*. 19, 243-255.

Barlow, D. H. (1986). Causes of sexual dysfunction: The role of anxiety and cognitive interference. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 54, 140-148.

Bartolomucci, A., Carola, V., Pascucci, T., Puglisi-Allegra, S., Cabib, S., Lesch, K. P. et al. (2010). Increased vulnerability to psychosocial stress in heterozygous serotonin transporter knockout mice. *Dis. Model Mech*. 3(7-8), 459-470.

Basson, R. (2001). Human sex-response cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy*. 27(1), 33-43.

Basson, R. (2002a). A model of women's sexual arousal. *Journal of Sex & Marital Therapy*. 28(1), 1-10.

Basson, R. (2002b). Rethinking low sexual desire in women. *British Journal of Obstetrics and Gynaecology*. 109, 357-363.

Basson, R. (2005). Women's sexual dysfunction: revised and expanded definitions. *CMAJ: Canadian Medical Association Journal*. 172(10), 1327-1333.

Beck, A. T. (1996). Beyond belief: A theory of modes, personality, and psychopathology. P. Salkowskis (Ed.). *Frontiers of cognitive therapy*. New York: Guilford.

Beck, J. G. & Barlow, D. H. (1986). The effects os anxiety and attentional focus on sexual responding-II: cognitive and affective patterns in erectile dysfunction. *Behav Res Ther*. 24:19-26

Benham, G. (2006). The highly sensitive person: stress and physical symptom reports. *Personality and Individual Differences*. 40, 1433-1440.

Berry, W. J., Worthington, E. L., O'Connor, E. L., Parrott, L. & Wade, G. N. (2005). Forgiveness, Vengeful Rumination, and Affective Traits. *Journal of Personality*. 73:183-226.

Berry, J. W., Worthington, E. L., Jr., Parrott, L., O'Connor, L. E., & Wade, N. E. (2001). Dispositional forgiveness: Development and construct validity of the Transgression Narrative Test of Forgiveness (TNTF). *Personality and Social Psychology Bulletin*. 27:1277-1290.

Bless, H., Clore, G., Schwarz, N., Golisano, V. & Rabe, C. (1996). Mood and the use of scripts: Does a happy mood really lead to mindlessness?. *Journal of Personality and Social Psychology*. 71:665-679.

Bono, G., & McCullough, M. E. (2004). Religion, forgiveness and adjustment in older adulthood. Em: Schaie, W. K., Krause, N. & Booth, A. (Eds.) *Religious influences on health and well-being in the elderly*. 163-186. NY: Springer.

Boon, S. D., & Sulsky, L. M. (1997). Attributions of blame and forgiveness in romantic relationships: A policy-capturing study. *Journal of Social Behavior and Personality*, 12, 19-44

Borg, C., de Jong, P. J. & Schultz, W. W. (2011). Vaginismus and dyspareunia: relationship with general and sex-related moral standards. *J Sex Med*. 8:223-231.

Braithwaite, R. S., Mitchell, M. C., Selby, A. E. & Fincham, D. F. (2016). Trait forgiveness and enduring vulnerabilities: Neuroticism and catastrophizing influence relationship satisfaction via less forgiveness. *Personality and Individual Differences*. 94, 237-246.

Brose, A. L., Rye, S. M., Lutz-Zois, C. & Ross, R. S. (2005). Forgiveness and personality traits. *Personality and Individual Differences*. 39, 35-46.

Brotto, L., Atallah, S., Johnson-Agbakwu, C., Rosenbaum, T., Abdo, C., Byers, S. E., Graham, C., Nobre, P. & Wylie, K. (2016). Psychological and Interpersonal Dimensions of Sexual Function and Dysfunction. *The journal of sexual medicine*; 13, 538-571.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jsxm.2016.01.019>

Brown, R. P. (2003). Measuring individual differences in the tendency to forgive: Construct validity and links with depression. *Personality and Social Psychology Bulletin*. 29:759-771.

Brown, R. P., & Phillips, A. (2005). Letting bygones be bygones: further evidence for the validity of the tendency to forgive scale. *Personality and Individual Differences*. 38, 627-638.

Buck, L. B. (2002). Olfacção e gustação: os sentidos químicos. *Princípios da neurociência*. 4:625-47.

Campbell BA, Gwendolyn, W. & McBride, T. (1997). Origins of orienting and defensive responses: an evolutionary perspective. Em: Lang, P. J., Simons, R. F., Balaban, M., editors. *Attention and orienting*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Inc.

Carvalho, J. & Nobre, P. (2010). Gender issues and sexual desire: the role of emotional and relationship variables. *J Sex Marital Ther.* 35:360-377.

Cauda, F., D'Agata, F., Sacco, K., Duca, S., Geminiani, G. & Vercelli, A. (2011). Functional connectivity of the insula in the resting brain. *Neuroimage* 55:8-23.

Chan, J. S., Snoeren, E. M., Cuppen, E., Waldinger, M. D., Olivier, B., & Oosting, R. S. (2011). The serotonin transporter plays an important role in male sexual behavior: a study in serotonin transporter knockout rats. *J.Sex Med.* 8(1), 97-108.

Cheatum, B. & Hammond, A. (2000). *Physical activities for improving children's learning and behavior - a guide to sensory motor development*. Champaign: Human Kinetics.

Coll, J., Miller, L. & Schoen, S. (2007). A randomized controlled pilot study of the effectiveness of occupational therapy for children with sensory modulation disorder. *The American Journal of Occupational Therapy.* 61(2), 228-238.

Conceição, V. C. (2015). Ruminação. Artigo visualizado em website, dia 27 de dezembro de 2017. Obtido em: <http://know.net/ciencsocioishuman/psicologia/ruminacao/>

Costa, P. T., Fagan, P. J., Piedmont, R. L., et al. (1992). The five-factor modelo f personality and sexual functioning in outpatient men and women. *Psychiatry Med.* 10:199-215

Coyle, C. T., & Enright, R. D. (1997). Forgiveness intervention with postabortion men. *Journal of Consulting and Clinical Psychology.* 65(6), 1042-1046.

Craig, A. D. (2009). How do you feel now? The anterior insula and human awareness. *Nat.Rev.Neurosci.* 10(1), 59-70.

Crip, C., Vaccaro, C., Fellner, A., et al. (2015). The influence os personality and coping on female sexual function: a population survey. *J Sex Med.* 12: 109-115.

Cross, E. S., Hamilton, A. F., & Grafton, S. T. (2006). Building a motor simulation de novo: observation of dance by dancers. *Neuroimage.*31(3), 1257-1267.

Cyranowski, J. M., Aarestad, S. L. & Andersen, B. L. (1999). The role of sexual self-schema in a diathesis-stress model of sexual dysfunction. *Applied & Preventive Psychology.* 8(3), 217-228.

De Pascalis, V., Strelau, J. & Zawadzki, B. (1999). The effect of temperamental traits on evoked-potentials, heart rate, and reaction time. *Personality and Individual Differences.* 26:441-465. Doi:10.1016/S0191-8869(98)00151-2.

Defelippe, C. R. (2016). *Tradução e adaptação cultural para a língua portuguesa do brasil do sensory perception quotient (SPQ)*. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Brasil

Dias, O. C. A. (2015). *Processamento sensorial e Áreas de desenvolvimento em crianças institucionalizadas num Centro de Acolhimento Temporário*. Dissertação de mestrado. Escola superior de saúde do Alcoitão. Portugal.

Dording CM, Mischoulon D, Shyu I, Alpert JE & Papakostas, G. I. (2012). Same and sexual functioning. *Eur Psychiatry*. 27:451-4.

Dove, N., & Wiederman, M. (2000). Cognitive distraction and women's sexual functioning. *Journal of Sex & Marital Therapy*. 26(1), 67-78.

Dronkers, N. F., Wilkins, D. P., Jr Van Valin, R. D., Redfern, B. B. & Jaege, J. J. (2004). Lesion analysis of the brain areas involved in language comprehension. *Cognition* 92:145-177.

Elliot, A. N. & O'Donohue, W. T. (1997). The effects of anxiety and distraction on sexual arousal in a nonclinical sample of heterossexual women. *Arch Sex Behav*. 26:607-624.

Emmons, R. A. (2000). Personality and forgiveness. Em: McCullough, E. M., Pargament, I. K. & Thoresen, E. C. (Eds.) *Forgiveness: Theory, research, and practice*. 156-178. New York: Guilford Press.

Emmons, R. A. & McCullough, M. E. (2003). Counting blessings versus burdens: An experimental investigation of gratitude and subjective well-being in daily life. *Journal of Personality and Social Psychology*. 84, 377-389.

Enright, R. D., & Coyle, C. T. (1998). Researching the process model of forgiveness within psychological interventions. Em: Worthington, L. E. Jr. (Ed.), *Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological perspectives*.139-161. Philadelphia: Templeton Foundation Press.

Enright, R.D., Freedman, S., & Rique, J. (1998). The psychology of interpersonal forgiveness. Em: Enright, D. R. & North, J. (Eds.), *Exploring forgiveness*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.

Enright, R. D., Gassin, E. A., & Wu, C. (1992). Forgiveness: A developmental view. *Journal of Moral Education*. 21, 99-114.

Erikson, E. H., Erikson, J. M., & Kivnick, H. Q. (1986). *Vital involvement in old age*. NY: W.W. Norton and Company.

Evers, A., Rasche, J. & Schabracq, J. M. (2008). High Sensory-Processing Sensitivity at Work. *International Journal of Stress Management*. Vol. 15, No. 2, 189-198.

Faith, M., & Schare, M. (1993). The role of body image in sexually avoidant behavior. *Archives of Sexual Behavior*. 22, 345-356.

Faubion, S. S. & Rullo, J. E. (2015). Sexual dysfunction in women: a practical approach. *Am Fam Physician*. 92(4):281-8.

Faure, M. & Richardson, A. (2004). *Os sentidos do bebé: Compreender o mundo sensorial do bebé. A chave para uma criança feliz*. Lisboa: Livros Horizonte.

Felleman D. J. & Van Essen, D. C. (1991). Distributed hierarchical processing in the primate cerebral cortex. *Cerebral Cortex*. 1:1-47.

Fincham, F. D. (2000). The kiss of the porcupines: from attributing responsibility to forgiving. *Personal Relationships*. 7, 1-23.

Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2002). Forgiveness in marriage: Implications for psychological aggression and constructive communication. *Personal Relationships*. 9, 239-251.

Fincham, F., & Beach, S. R. H. (2007). Forgiveness and marital quality: Precursor or consequence in well-established relationship? *The Journal of Positive Psychology*. 2(4), 260-268. <http://dx.doi.org/10.1080/17439760701552360>.

Fincham, F. D., Jackson, H., & Beach, S. R. H. (2005). Transgression severity and forgiveness: Different moderators for objective and subjective severity. *Journal of Social and Clinical Psychology*. 24, 860-875.

Fisher, T. D., & McNulty, J. K. (2008). Neuroticism and marital satisfaction: The mediating role played by the sexual relationship. *Journal of Family Psychology*. 22(1), 112-122. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.22.1.112>.

Forgas, J. P., Laham, S. M. & Varga, P. T. (2005). Mood effects on eyewitness memory: Affective influences on susceptibility to misinformation. *Journal of Experimental Social Psychology*. 41:574-588.

Freedman, S. R., & Enright, R. D. (1996). Forgiveness as an intervention goal with incest survivors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 64(5), 983-992.

Friedman, P. H. (1992). *Friedman well-being scale and professional manual, foundation for Well-Being*. Plymouth Meeting. Palo Alto, CA: PA.

Frohlich P & Meston C. (2002). Sexual functioning and self-reported depressive symptoms among college women. *J Sex Research*. 39:321-5.

Geer, J., & Fuhr, R. (1976). Cognitive factors in sexual arousal: The role of distraction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 44, 238-243.

Gerlach, T. M., Allemand, M., Agroskin, D., & Denissen, J. J. (2012). Justice sensitivity and forgiveness in close interpersonal relationships: The mediating role of mistrustful, legitimizing, and pro-relationship cognitions. *Journal of Personality*. 80(5), 1373-1413.

Girard, M., & Mullet, E. (1997). Forgiveness in adolescents, young, middle-aged, and older adults. *Journal of Adult Development*. 4, 209-220.

Gray, J. A. (1981). A critique of Eysenck's theory of personality. Em: Eysenck, J. H. (Ed.), *A model for personality*. 246-276.

Gusnard, D. A., Akbudak, E., Shulman, G. L., & Raichle, M. E. (2001). Medial prefrontal cortex and self-referential mental activity: relation to a default mode of brain function. *Proc.Natl.Acad.Sci*. 98(7), 4259-4264.

Guyton, A. C. & Hall, J. E. (2002). Os sentidos químicos: gustação e olfação. Tratado de fisiologia médica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogam SA. 570-7.

Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*. 26(4), 399-419.

Harris, J., Cherkas, L., Kato, B., et al. (2008). Normal variations in personality are associated with coital orgasmic infrequency in heterosexual women: a population-based study. *J Sex Med*. 5:1183.

Harris, A. H. & Thoresen, C. E. (2006). Extending the influence of positive psychology interventions into health care settings: Lessons from self-efficacy and forgiveness. *The Journal of Positive Psychology*. 1:27-36.

Hatzimouratidis, K., & Hatzichristou, D. (2007). Sexual dysfunctions: Classifications and definitions. *Journal of Sexual Medicine*. 4, 241-250.

Hayes, R. D., Dennerstein, L., Bennett, C. M., et al. (2008). Risk factors for female sexual dysfunction in the general population: exploring factors associated with low sexual function and sexual distress. *J Sex Med*. 5:1681-1693.

Heiman, J. R. & Rowland, D. L. (1983). Affective and physiological sexual response patterns: the effects of instructions on sexually functional and dysfunctional men. *J Psychosom Res*. 27:105-116.

Hodgson, R. J., & Rachman, S. (1977). Obsessional-compulsive complaints. *Behavioural Research and Therapy*. 15, 389-395.

Hofmann, S. G., & Bitran, S. (2007). Sensory-processing sensitivity in social anxiety disorder: relationship to harm avoidance and diagnostic subtypes. *Journal of Anxiety Disorders*. 21, 944-954.

Homberg, R. J., Schubert, D., Asan, E. & Aron, N. E. (2016). *Sensory processing sensitivity and serotonin gene variance: insights into mechanisms shaping environmental sensitivity. Neuroscience and Biobehavioral*. Obtido em:

<http://dx.doi.org/10.1016/j.neubiorev.2016.09.029>

Horowitz, M. J., & Solomon, G. F. (1975). A prediction of delayed stress response syndromes in Vietnam veterans. *Journal of Social Issues*. 31, 67-80.

Horowitz, M. J., Wilner, N., Kaltreider, N., & Alvarez, W. (1980). Signs and symptoms of posttraumatic stress disorder. *Archives of General Psychiatry*. 37, 85-92.

Huang, S. T., & Enright, R. D. (2000). Forgiveness and anger-related emotions in Taiwan: Implications for therapy. *Psychotherapy*. 37, 71-79.

Hurlbert, D., Apt, C., & Rabeahl, S. (1993). Key variables to understanding female sexual satisfaction: An examination of women in nondistressed marriages. *Journal of Sex & Marital Therapy*. 19(2), 154-165.

Iacoboni, M., Woods, R. P., Brass, M., Bekkering, H., Mazziotta, J. C. & Rizzolatti, G. (1999). *Cortical mechanisms of human imitation*. *Science*. 286:2526-2528.

Inamura, K. (1998). *SI for early intervention - A team approach* (1ª ed.). San Antonio, Texas: Therapy Skill Builders.

Jabbi, M., & Keysers, C. (2008). Inferior frontal gyrus activity triggers anterior insula response to emotional facial expressions. *Emotion*. 8:775-780.

Jagiellowicz, J. (2012). *The relationship between the temperament trait of sensory processing sensitivity and emotional reactivity*. Universidade de Nova Iorque. http://dspace.sunyconnect.suny.edu/bitstream/handle/1951/59701/Jagiellowicz_grad.sunysb_0771E_10998.pdf?sequence=1.

Jagiellowicz, J., Xiaomeng, X., Aron, A., Aron, E., Guikang, C., Tingyong, F. et al. (2011). The trait of sensory processing sensitivity and neural responses to changes in visual scenes. *Soc. Cogn. Affect Neurosci*. 6:38-47.

Jagiellowicz, J., Xu, X., Aron, A., Aron, E., Cao, G., Feng, T. et al. (2011). The trait of sensory processing sensitivity and neural responses to changes in visual scenes. *Soc.Cogn Affect.Neurosci*. 6(1), 38-47.

Janssen, E., Everaerd, W., Spiering, M., & Janssen, J. (2000). Automatic processes and the appraisal of sexual stimuli: Toward an information processing model of sexual arousal. *Journal of Sex Research*. 37, 8-23.

Jawer, M. (2005). Environmental sensitivity: A neurobiological phenomena?. *Seminars in Integrative Medicine*. 3, 104-109. <http://doi.org/d9hq6>

Jesus, N. P. & Laja, C. B. (2017). *Fatores de Vulnerabilidade Para as Disfunções Sexuais: Preditores Psicológicos e Correlatos Fisiológicos*. Universidade de Aveiro. Portugal.

Jabbi, M. & Keysers, C. (2008). Inferior frontal gyrus activity triggers anterior insula response to emotional facial expressions. *Emotion*. 8:775-780.

Jiang, F., Yue, X., Lu, S. & Yu, G. (2014). Can you forgive? It depends on how happy you are. *Scandinavian Journal of Psychology*. DOI: 10.1111/sjop.12185

John, O. P. (1990). The “Big Five” factor taxonomy: Dimensions of personality in the natural language and in questionnaires. Em: Pervin, A. L. (Ed.), *Handbook of personality: Theory and research*. 66-100. New York: Guilford.

Junqueira, L. C. & Carneiro, J. (2004). *Histologia básica*. 10ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan S.A.

Jonsson, K. Grim, K. & Kjellgren, A. (2014). Do highly sensitive persons experience more nonordinary states of consciousness during sensory isolation? *Social Behavior And Personality*. 42(9), 1495-1506.

Kachadourian, L. K., Fincham, F. D., & Davila, J. (2004). The tendency to forgive in dating and married couples: The role of attachment and relationship satisfaction. *Personal Relationships*. 11, 373-393.

Kaplan, B. H. (1974). *The new sex therapy: Active treatment of sexual dysfunctions*. New York: Brunner Mazel.

Kaplan, B. H. (1992). Social health and the forgiving heart: The Type B story. *Journal of Behavior Medicine*.15:3-14.

Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, 118, 3-34.

Karremans, J. C., & Van Lange, P. A. M. (2004). Back to caring after being hurt: The role of forgiveness. *European Journal of Social Psychology*. 34, 207-227.

Kathleen, A., Lawler-Row & Piferi, L. R. (2006). The forgiving personality: Describing a life well lived?. *Personality and Individual Differences*, 41, 1009-1020.

Kearns, J. N., & Fincham, F. D. (2004). A prototype analysis of forgiveness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(7), 838-855. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167204264237>.

Kennedy, S. H., Dickens, S. E., Eisfeld, B. S., et al. (1999). Sexual dysfunction before antidepressant therapy in major depression. *J Affect Disord*. 56: 201-208.

Kjellgren, A., Lindahl, A., & Norlander, T. (2009). Altered states of consciousness and mystical experiences during sensory isolation in flotation tank: Is the highly sensitive personality variable of importance?. *Imagination, Cognition and Personality*. 29:135-146. <http://doi.org/fr4ss7>

Konrad, S. & Herzberg, Y. P. (2017). Psychometric Properties and Validation of a German High Sensitive Person Scale (HSPS-G). *European Journal of Psychological Assessment*.

Kranowitz, C. (1998). *The out of sync child*. New York: Perigree Books.

Lane, R. D., Reiman, E. M., Bradley, M. M. et al. (1997). Neuroanatomical correlates of pleasant and unpleasant emotion. *Neuropsychologia*. 35:1437-44.

Laumann, E., Paik, A., & Rosen, R. (1999). Sexual dysfunction in the United States: Prevalence and predictors. *Journal of the American Medical Association*. 281, 537-544.

Lawler, K. A., Younger, J. W., Piferi, R. L., Jobe, R. L., Edmondson, K. A., & Jones, W. H. (2005). The unique effects of forgiveness on health: an exploration of pathways. *Journal of Behavioral Medicine*. 28, 157-167.

Lawler, K. A., Younger, J. W., Piferi, R. L., Billington, E., Jobe, R., Edmondson, K., & Jones, W. H. (2003). A change of heart: cardiovascular correlates of forgiveness in response to interpersonal conflict. *Journal of Behavioral Medicine*. 26, 373-393.

Lucena B & Abdo C. (2013). The role of anxiety in the (dis) sexual function studies program Sexuality (ProSex). *Diagn Tratamento*. 18:94-108.

Maltby, J., Day, L. & Barber, L. (2005). Forgiveness and happiness, the differing contexts of forgiveness using the distinction between hedonic and eudaimonic happiness. *Journal of Happiness Studies*. 6, 1-13.

Maroco, J. & Marques, G. T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia - ISPA*, 4(1): 65-90.

Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1966). *Human sexual response*. Boston, MA: Little Brown.

McCabe, M. P. (1997). Intimacy and quality of life among sexually dysfunctional men and women. *J Sex Marital Ther*. 23:276-290.

McCullough, M. E., Bellah, C. G., Kilpatrick, S. D., & Johnson, J. L. (2001). Vengefulness: Relationships with forgiveness, rumination, well-being, and the Big Five. *Personality and Social Psychology Bulletin*. 27, 601-610.

McCullough, M. E., Emmons, R. A., & Tsang, J. (2002). The grateful disposition: A conceptual and empirical topography. *Journal of Personality and Social Psychology*. 82, 112-127.

McCullough, M.E., Pargament, K.I., & Thoresen, C.E. (2001). *Forgiveness: Theory, research, and Practice*. New York: Guilford Press. 41-64.

McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Jr., Wade Brown, S., & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships: II –Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*. 75, 1586-1603

McCullough, M. E., Worthington, E. L., & Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*. 73, 321-336.

McCullough, M. E., Pargament, K. I., & Thoresen, C. E. (2000). The psychology of forgiveness: History, conceptual issues, and overview. Em: McCullough, E. M., Pargament, I. K. & Thoresen, E. C. (Eds.), *Forgiveness: Theory, research, and practice*. 1-14. New York: Guilford.

McCullough, M. E., & Witvliet, C. V. (2002). The psychology of forgiveness. Em: Snyder, R. C. & Lopez, L. S. (Eds.) *Handbook of positive psychology*. 446-458. New York: Oxford University Press.

McNulty, J. K. (2008). Forgiveness in marriage: Putting the benefits into context. *Journal of Family Psychology* 22(1), 171-175. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.22.1.171>.

McNulty, J. K. (2010). Forgiveness increases the likelihood of subsequent partner transgressions in marriage. *Journal of Family Psychology*. 24, 787-790.

Meisler, A. W. & Carey, M. P. (1991). Depressed affect and male sexual arousal. *Arch Sex Behav*. 20:541-554.

Meston, C. M. & Buss, D. M. (2007). Why humans have sex. *Arch Sex Behav*. 36:477-507.

Miller, E. K. (2000). The prefrontal cortex and cognitive control. *Nat.Rev.Neurosci*. 1(1), 59-65.

Morton, H. & Gorzalka, B. B. (2013). Cognitive aspects of sexual functioning: differences between East Asian-Canadian and Euro-Canadian women. *Arch Sex Behav*. 42:1615-1625.

Mullet, E., Houdbine, A., Laumonier, S., & Girard, M. (1998). “Forgiveness: factor structure in a sample of young, middle-aged, and elderly adults. *European Psychologist*. 3, 289-297.

Mullet, R. D., Rinn, N. A., Jett, N. & Nyikos, T. (2017). Giftedness and Sensory Processing Sensitivity: A Validation Study of Two Versions of the Highly Sensitive Person Scale. Departamento de Psicologia Educacional, Universidade do Texas. Estados Unidos da América.

Murty, V. P., Ritchey, M., Adcock, R. & LaBar, K. J. (2011). fMRI studies of successful emotional memory encoding: a quantitative meta-analysis. *Neuropsychologia* 49:695-705.

Neto, F., & Mullet, E. (2003). Personality, self-esteem, and self-construal as correlates of forgivingness. *European Journal of Personality*. 18, 15-30.

Neal, J. A., Edelman, R. J., Glachan, M. (2002). Behavioural inhibition and symptoms of anxiety and depression: Is there a specific relationship with social phobia?. *British Journal of Clinical Psychology*. 41, 361-374. <http://doi.org/cx5kvw>

Nobre, P (2006) - *Disfunções sexuais*. Ed. Climepsi.

Nobre, P. J. (2009). Determinants of sexual desire problems in women: testing a cognitive-emotional model. *J Sex Marital Ther*. 35: 360-377.

Nobre, P. J. & Pinto-Gouveia, J. (2008). Differences in automatic thoughts presented during sexual activity between sexually functional and dysfunctional men and women. *J Cogn Ther Res*. 32: 37-49.

Nolen-Hoeksema, S. (1987). Sex differences in unipolar depression: Evidence and theory. *Psychological Bulletin*. 101, 259-282.

Nolen-Hoeksema, S. (1991). Responses to depression and their effects on the duration of depressive episodes. *Journal of Abnormal Psychology*. 100, 569-582.

Ohman, A, Flykt, A. & Esteves, F. (2001). Emotion drives attention: detecting the snake in the grass. *J Exp Psychol Gen*. 130:466-78.

Oliveira, C. & Nobre, P. J. (2013). The role of trait-affect, depression, and anxiety in women with sexual dysfunction: a pilot study. *J Sex Marital Ther*. 39: 436-452.

Pargament, K. I., & Rye, M. S. (1998). Forgiveness as a method of religious coping. Em: Worthington, L. E. Jr. (Ed.) *Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological perspectives*. 59-78. Philadelphia: Templeton Foundation Press.

Peixoto, M. M. & Nobre, P. (2014). Dysfunctional sexual beliefs: a comparative study of heterosexual men and women, gay men, and lesbian women with and without sexual problems. *J Sex Med*. 11: 2690-2700

Pereira, H. (2017). Validação psicométrica da versão portuguesa do Massachusetts General Hospital - Sexual Functioning Questionnaire. *Revista Internacional de Andrologia*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.androl.2017.06.003>

Phan, K. L., Wager, T., Taylor, S. F. & Liberzon, I. (2002). Functional neuroanatomy of emotion: a meta-analysis of emotion activation studies in PET and fMRI. *NeuroImage*. 16:331-348.

Poloma, M. M., & Gallup, G. H. (1991). *Varieties of prayer*. Philadelphia: Trinity Press International.

Quinta-Gomes, A. & Nobre, P. J. (2011). Personality trait and psychopathology on male sexual dysfunction: na empirical study. *J Sex Med*. 8: 461-469.

Reeves, G. & Cermak, S. (2002). Disorders of praxis. Em: Bundy, A., Lane, S. & Murray, E. (2002). *Sensory integration: theory and practice* (2ªed.). Philadelphia: F. A. Davis Company.

Ratey, J.J. (2002). *A User's Guide to the Brain: Perception, Attention, and the Four Theaters of the Brain*. New York: Vintage Books.

Rizzolatti, G., Fadiga, L., Gallese, V., & Fogassi, L. (1996). Premotor cortex and the recognition of motor actions. *Brain Res.Cogn Brain Res*. 3(2), 131-141.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

Rosenheim, E. & Neumann, M. (1981). Personality characteristics of sexually dysfunctioning males and their wives. *J Sex Res*. 17:124-138.

Rye, M. S., Loiacono, D. M., Folck, C. D., Olszewski, B. T., Heim, T. A., & Madia, B. P. (2001). Evaluation of the psychometric properties of two forgiveness scales. *Current Psychology: Developmental, Learning, Personality, Social*. 20, 260-277.

Schen, J., Pfrang, H. & Rausche, A. (1983). Personality traits versus the quality of the marital relationship as the determinant of marital sexuality. *Arch Sex Behav*. 12: 31-42.

Schwarz, N. (1990). Feelings as information: Informational and motivational functions of affective states. Em: Sorrentino, M. R. & Higgins, T. E. (Eds.) *Handbook of motivation and cognition: Foundations of social behavior*. 2:527-561. New York: Guilford Press.

Seal, B., & Meston, C. (2007). The impact of body awareness on sexual arousal in women with sexual dysfunction. *Journal of Sexual Medicine*. 4, 990-1000

Seidman, S. N., Roose, S. P., Menza, M. A., et al. (2001). Treatment of erectile dysfunction in men with depressive symptoms: results of a placebo-controlled trial with sildenafil citrate. *Am J Psychiatry*. 158:1623-1630.

Seybold, K. S., Hill, P. C., Neumann, J. K., & Chi, D. S. (2001). Physiological and psychological correlates of forgiveness. *Journal of Psychology and Christianity*. 20(3), 250-259.

Shoemaker, A., & Bolt, M. (1977). The Rokeach Value Survey and perceived Christian values. *Journal of Psychology and Theology*. 5, 139-142.

Silva, C. M. (2008). Desigualdades de género. *Revista de sociologia:Configurações*

Smolewska, K. A., McCabe, S. B., & Woody, E. Z. (2006). A psychometric evaluation of the Highly Sensitive Person Scale: The components of sensory-processing sensitivity and their relation to the BIS/BAS and “Big Five”. *Personality and Individual Differences*. 40, 1269-1279.

Steiner, M., Allemand, M., & McCullough, M. E. (2011). Age differences in forgivingness: The role of transgression frequency and intensity. *Journal of Research in Personality*. 45(6), 670-678.

Strelau, J. (1998). *Temperament: A psychological perspective*. New York: Plenum.

Tangney, J. P. (2000). Humility: Theoretical perspectives, empirical findings, and directions of future research. *Journal of Social and Clinical Psychology*. 19, 70-82.

Tangney, J. P., Fee, R., Reinsmith, C., Boone, A. L., & Lee, N. (1999, August). Assessing individual differences in the propensity to forgive. Paper presented at the annual meeting of the American Psychological Association, Boston, MA.

Taylor M. J., Rudkin, L., Bullemor-Day, P., Lubin, J., Chukwujekwu, C. & Hawton, K. (2013). Strategies for managing sexual dysfunction induced by antidepressant medication. The Cochrane Library. London: Editorial John Wiley & Sons, Ltd.

Taylor, S. F., Liberzon, I. & Koeppe, R. A. (2000). The effect of graded aversive stimuli on limbic and visual activation. *Neuropsychologia*. 38:1415-25.

Tellegen, A., & Atkinson, G. (1974). Openness to absorbing and self-altering experiences (“absorption”), a trait related to hypnotic susceptibility. *Journal of Abnormal Psychology*. 83:268-277. <http://doi.org/cv9t5f>

Thoresen, C. E., Luskin, F., & Harris, A. H. S. (1998). Science and forgiveness interventions: Reflections and recommendations. Em: Worthington, L. E. Jr. (Ed.), *Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological speculations*.163-192. Philadelphia: Templeton Foundation Press.

Tortora, G. J. & Grabowski, S. R. (2005). *Corpo Humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia*. 6ª ed. Porto Alegre (RS): Artmed.

Toussaint, L. & Friedman, P. (2009). Forgiveness, gratitude, and wellbeing: The mediating role of affect and beliefs. *Journal of Happiness Studies*. 10, 635-654.

Toussaint, L. L., Williams, D. R., Musick, M. A., & Everson, S. A. (2001). Forgiveness and health: age differences in a US probability sample. *Journal of Adult Development*. 8, 249-257.

Trapnell P., Meston, C., & Gorzalka, B. (1997). Spectatoring and the relationship between body image and sexual experience: Self-focus or self-valence? *Journal of Sex Research*. 34, 267-278.

Tucker, B., & Hafenstein, N. L. (1997). Psychological intensities in young gifted children. *Gifted Child Quarterly*. 41:66-75. doi:10.1177/001698629704100302

Van den Hout, M. A., & Barlow, D. (2000). Attention, arousal and expectancies in anxiety and sexual disorders. *Journal of Affective Disorders*. 61, 241-256.

Van Minnen, A. & Kampman, M. (2000). The interaction between anxiety and sexual functioning: A controlled study of sexual functioning in women with anxiety disorders. *Sex Relat Ther*. 15:47-57.

Van Overwalle, F. & Baetens, K. (2009). Understanding others' actions and goals by mirror and mentalizing systems. *Neuroimage*. 48:564-584.

Vilarinho, S. C. M. S. (2010). *Funcionamento e satisfação sexual feminina - Integração do afeto, variáveis cognitivas e relacionais, aspetos biológicos e contextuais*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica. Universidade de Coimbra. Portugal.

Volchan, E., Pereira, G. M., Oliveira, L., Vargas, G., Miranda, J. M., Azevedo, M. T., Pinheiro M. W. & Pessoa, L. (2003). Emotional stimuli: sensory processing and motor responses. *Revista Brasileira Psiquiatria*. 25(Supl II):29-32.

Walker, D. F., & Gorsuch, R. L. (2002). Forgiveness within the Big Five personality model. *Personality and Individual Differences*. 32, 1127-1137.

Wegener, D. T., Petty, R. E. & Smith, S. M. (1995). Positive mood can increase or decrease message scrutiny: The hedonic contingency view of mood and message. *J Soc Soc Psychol*. 69 (1): 5-15.

Weiss, R. L. (1980). Strategic behavioral marital therapy: Toward a model for assessment and intervention. Em: Vincent, P. J. (Ed.) *Advances in family intervention, assessment and theory*. 1:229-271. Greenwich, CT: JAI Press.

Weiner, B., Graham, S., Peter, O., & Zmuidinas, M. (1991). Public confession and forgiveness. *Journal of Personality*. 59, 281-312.

Widerman, M. W. & Hurst. S. R. (1997). Physical attractiveness, body image, and women's sexual self-schema. *Psychology of Women Quarterly*. 21, 567-580.

Wiederman, M., & Hurst, S. (1998). Body size, physical attractiveness, and body image among young adult women: Relationships to sexual experience and sexual esteem. *Journal of Sex Research*. 35(3), 272-281.

Wiegel, M., Scepkowski, L., & Barlow, D. (2007). Cognitive-affective processes in sexual arousal and sexual dysfunction. Em: Janssen, E. (Ed.). *The Psychophysiology of Sex*. 143 - 165. Bloomington: Indiana University Press.

Witvliet, C., van, O., Ludwig, T. E., & Vander Laan, K. L. (2001). Granting forgiveness or harboring grudges: Implications for emotion, physiology, and health. *Psychological Science*. 12, 117-123.

Wolf, M., S. Van Doorn & Weissing, F. J. (2008). Evolutionary emergence of responsive and unresponsive personalities. *PNAS*. 105:15825-15830.

Worthington, E. L. (1998). The pyramid model of forgiveness: Some interdisciplinary speculations about unforgiveness and the promotion of forgiveness. Em: Worthington, L. E. (Ed.), *Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological perspectives*. 107-137. Philadelphia, PA: Templeton Press.

Worthington, E. L., Jr. (2001). Unforgiveness, forgiveness, and reconciliation in societies. Em: Raymond G. Helmick & Rodney L. Petersen (Eds.) *Forgiveness and reconciliation: Religion, public policy, and conflict transformation*. 161- 182. Philadelphia: Templeton Foundation Press.

Worthington, E. L., Berry, J., Parrott, J. W.L. III, Plante, T. G. & Sherman, A. C. (2001). Unforgiveness, forgiveness, religion, and health. Em: Plante, G. T. & Sherman, C. A. (Eds.), *Faith and health: Psychological perspectives*. New York: Guilford Press.

Worthington, E. L., Jr., & Wade, N. G. (1999). The social psychology of unforgiveness and forgiveness and implications for clinical practice. *Journal of Social and Clinical Psychology*. 18, 385-418.

Young, M., Denny, G. Young, T., & Luquis, R. (2000). Sexual satisfaction among married women. *The American Journal of Health Studies*. 16(2), 73-84.